

## Exercícios com Gabarito de Português Conotação e Denotação

1) (ENEM-2002) Comer com as mãos era um hábito comum na Europa, no século XVI. A técnica empregada pelo índio no Brasil e por um português de Portugal era, aliás, a mesma: apanhavam o alimento com três dedos da mão direita (polegar, indicador e médio) e atiravam-no para dentro da boca.

Um viajante europeu de nome Freireyss, de passagem pelo Rio de Janeiro, já no século XIX, conta como *“nas casas das roças despejam-se simplesmente alguns pratos de farinha sobre a mesa ou num balainho, donde cada um se serve com os dedos, arremessando, com um movimento rápido, a farinha na boca, sem que a mínima parcela caia para fora”*. Outros viajantes oitocentistas, como John Luccock, Carl Seidler, Tollenare e Maria Graham descrevem esse hábito em todo o Brasil e entre todas as classes sociais. Mas para Saint-Hilaire, os brasileiros *“lançam a [farinha de mandioca] à boca com uma destreza adquirida, na origem, dos indígenas, e que ao europeu muito custa imitar”*.

Aluísio de Azevedo, em seu romance *Girândola de amores* (1882), descreve com realismo os hábitos de uma senhora abastada que só saboreava a moqueca de peixe *“sem talher, à mão”*.

Dentre as palavras listadas abaixo, assinale a que traduz o elemento comum às descrições das práticas alimentares dos brasileiros feitas pelos diferentes autores do século XIX citados no texto.

- Regionalismo (caráter da literatura que se baseia em costumes e tradições regionais).
- Intolerância (não-admissão de opiniões diversas das suas em questões sociais, políticas ou religiosas).
- Exotismo (caráter ou qualidade daquilo que não é indígena; estrangeiro; excêntrico, extravagante).
- Racismo (doutrina que sustenta a superioridade de certas raças sobre outras).
- Sincretismo (fusão de elementos culturais diversos, ou de culturas distintas ou de diferentes sistemas sociais).

2) (ENEM-2003)



O humor presente na tirinha decorre principalmente do fato de a personagem Mafalda

- atribuir, no primeiro quadrinho, poder ilimitado ao dedo indicador.

- considerar seu dedo indicador tão importante quanto o dos patrões.
- atribuir, no primeiro e no último quadrinhos, um mesmo sentido ao vocábulo “indicador”.
- usar corretamente a expressão “indicador de desemprego”, mesmo sendo criança.
- atribuir, no último quadrinho, fama exagerada ao dedo indicador dos patrões.

3) (ENEM-2001) Nas conversas diárias, utiliza-se freqüentemente a palavra “próprio” e ela se ajusta a várias situações. Leia os exemplos de diálogos:

- I - A Vera se veste diferente!  
- É mesmo, é que ela tem um estilo **próprio**.
- II - A Lena já viu esse filme uma dezena de vezes! Eu não consigo ver o que ele tem de tão maravilhoso assim.  
- É que ele é **próprio** para adolescente.
- III - Dora, o que eu faço? Ando tão preocupada com o Fabinho! Meu filho está impossível!  
- Relaxa, Tânia! É **próprio** da idade. Com o tempo, ele se acomoda.

Nas ocorrências I, II e III, “próprio” é sinônimo de, respectivamente,

- adequado, particular, típico.
- peculiar, adequado, característico.
- conveniente, adequado, particular.
- adequado, exclusivo, conveniente.
- peculiar, exclusivo, característico.

4) (ENEM-2005) O termo (ou expressão) destacado que está empregado em seu sentido próprio, denotativo ocorre em

- “(....)  
É de laço e de nó  
De gibeira o jiló  
Dessa vida, **cumprida a sol** (....)”  
(Renato Teixeira. Romaria. Kuarup Discos. setembro de 1992.)
- “Protegendo os inocentes é que Deus, sábio demais, põe **cenários** diferentes nas impressões digitais.”  
(Maria N. S. Carvalho. Evangelho da Trova. /s.n.b.)

- “O **dicionário-padrão** da língua e os dicionários unilíngües são os tipos mais comuns de dicionários. Em nossos dias, eles se tornaram um objeto de consumo obrigatório para as nações civilizadas e desenvolvidas.”

(Maria T. Camargo Biderman. O dicionário-padrão da língua. Alfa (28), 2743, 1974 Supl.)

d)



(O Globo. O menino maluquinho. agosto de 2002.)

e) “Humorismo é a arte de **fazer cócegas no raciocínio** dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e o cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir; o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer.”

(Leon Eliachar. [www.mercadolivre.com.br](http://www.mercadolivre.com.br) <<http://www.mercadolivre.com.br>>. acessado em julho de 2005.)

5) (ENEM-2005) O termo (ou expressão) destacado que está empregado em seu sentido próprio, denotativo ocorre em

a) “(....)

É de laço e de nó

De gibeira o jiló

Dessa vida, **cumprida a sol** (....)”

(Renato Teixeira. Romaria. Kuarup Discos. setembro de 1992.)

b) “Protegendo os inocentes

é que Deus, sábio demais,

põe **cenários** diferentes

nas impressões digitais.”

(Maria N. S. Carvalho. Evangelho da Trova. /s.n.b.)

c) “O **dicionário-padrão** da língua

e os dicionários unilíngües são

os tipos mais comuns de

dicionários. Em nossos dias,

eles se tornaram um objeto de

consumo obrigatório para as

nações civilizadas e

desenvolvidas.”

(Maria T. Camargo Biderman. O dicionário-padrão da língua. Alfa (28), 2743, 1974 Supl.)

d)



(O Globo. O menino maluquinho. agosto de 2002.)

e) “Humorismo é a arte de **fazer cócegas**

**no raciocínio** dos outros. Há duas

espécies de humorismo: o trágico e o

cômico. O trágico é o que não

consegue fazer rir; o cômico é o que é

verdadeiramente trágico para se fazer.”

(Leon Eliachar. [www.mercadolivre.com.br](http://www.mercadolivre.com.br)

<<http://www.mercadolivre.com.br>>. acessado em julho de 2005.)

6) (Enem Cancelado-2009) Texto I

No meio do caminho tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho

tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma pedra

[...]

ANDRADE, C. D. Reunião Rio de Janeiro: José Olympio, 1971 (fragmento).

Texto II

As lavadeiras de Mossoró, cada uma tem sua pedra no rio: cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo [...]. Alavadei rã e a pedra formam um ente especial, que se divide e se reúne ao sabor do trabalho. Se a mulher entoava uma canção, percebe-se que nova pedra a acompanha em surdina... [...]

ANDRADE, C. D. Contos sem propósito. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, Caderno B, 17/7/1979 (fragmento).

Com base na leitura dos textos, é possível estabelecer uma relação entre forma e conteúdo da palavra "pedra", por meio da qual se observa

a) o emprego, em ambos os textos, do sentido conotativo da palavra "pedra".

b) a identidade de significação, já que nos dois textos, "pedra" significa empecilho.

c) a personificação de "pedra" que, em ambos os textos, adquire características animadas.

d) o predomínio, no primeiro texto, do sentido denotativo de "pedra" como matéria mineral sólida e dura.

e) a utilização, no segundo texto, do significado de "pedra" como dificuldade materializada por um objeto.

7) (Faap-1997) Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta esturvinhado à crise de uma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se, de novo.

Pelo 13 de maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano: estouram as granadas de Custódio; Gumerindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o desperta. Nenhuma ferreteada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca antes de agir, acocora-se.

Monteiro Lobato

"...e o país desperta ESTURVINHADO..." O adjetivo em maiúsculo, embora de uso popular, é pouco conhecido dos jovens de vida urbana. Contudo não é difícil saber, no contexto, seu significado:

- a) alegre - saltitante - risonho
- b) atordoado - aturdido - estonteado
- c) fiduciário - solidário - fiel
- d) acre - azedo - amargo
- e) abjeto - vil - desprezível.

8) (Faap-1997) Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta esturvinhado à crise de uma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se, de novo.

Pelo 13 de maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano: estouram as granadas de Custódio; Gumerindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o desperta. Nenhuma ferreteada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca antes de agir, acocora-se.

Monteiro Lobato

"O país bestifica-se ante o INOPINADO da mudança.":

- a) inusitado
- b) imprevisto
- c) incomum, estranho
- d) esperado
- e) golpe.

9) (Fameca-2006) Sabemos que, em Hiroshima, morreu um mundo e nasceu outro. A criança de lá passou a ser cancerosa antes do parto. Mas há entre nós e Hiroshima, entre nós e Nagasaki, toda uma distância infinita, espectral. Sem contar, além da distância geográfica, a distância auditiva da língua. Ao passo que o cachorro é atropelado nas nossas barbas traumatizadas. E mais: - nós o conhecíamos de vista, de cumprimento. Na época própria, víamos o brioso viralata atropelar as cachorras locais. Em várias oportunidades, ele lambe as nossas botas.

E, além disso, vimos tudo. Vimos quando o automóvel o pisou. Vimos também os arrancos triunfais do cachorro atropelado. Portanto, essa proximidade valorizou o fato, confere ao fato uma densidade insuportável. A morte do simples vira-lata dá-nos uma relação direta com a catástrofe. Ao passo que Hiroshima, ou o Vietnã, tem, como catástrofe, o defeito da distância.

(Nelson Rodrigues, crônica intitulada *O cachorro atropelado*, escrita em 13.05.1968)

Interpretando o texto em sua linguagem figurada, responda às seguintes questões:

- a) O que você entende por morreu um mundo e nasceu outro?
- b) O que você entende por Na época própria, víamos o brioso vira-lata atropelar as cachorras locais?

10) (Fatec-2002) Texto I

Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando atravessando o corgo pelo pau. Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:

- Viu alguma coisa, pau?

- Via a graça dela!

- Quá! quá! quá quaquá!...

Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité enalhada na praia. Toda nua inda do banho comia tambúis vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada

os tambiús. Então pra agradecer ela enfiou três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o Joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante fochinou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.

(Mário de Andrade, *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*)

#### Texto II

De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si oculáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteirmos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado.

(Mário de Andrade, *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*)

As palavras “epístola”, “terráquea” e “etnologia”, extraídas do Texto II, associam-se pelo sentido, respectivamente, a

- arma, terra e humanidade.
- carta, terra e civilização.
- instrumento, planeta e raça.
- carta, Terra e povo.
- escrita, planeta e raça.

11) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.

- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?  
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.

E assim fez.

Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.

Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.

Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:

- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!  
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espotejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...

(Monteiro Lobato. *Fábulas e Histórias Diversas*)

O que significa de maus bofes, na primeira linha do texto?

12) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.

- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?  
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.

E assim fez.

Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.

Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.

Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:

- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!  
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espotejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...

(Monteiro Lobato. *Fábulas e Histórias Diversas*)

Explique o significado das expressões sublinhadas no seguinte fragmento do texto: “Defende-se de forma **cabal**, com razões **muito irmãs** das do **cordeirinho que o lobo em tempos comeu**”.

13) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construía especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamentalmente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócô-có malicioso. O ingrato.

(João Alphonsus - *Galinha Cega*. Em MORICONI, Italo, *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Qual o significado de tontas em *As bicadas tontas...*?

14) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Depois, responda à questão nele baseada.

E depois da meia-noite dada, ela e Piedade ficaram sozinhas, velando o enfermo. Deliberou-se que este iria pela manhã para a Ordem de Santo Antônio, de que era irmão. E, com efeito, no dia imediato, enquanto o vendeiro e seu bando andavam lá às voltas com a polícia, e o resto do cortiço formigava, tagarelado em volta do conserto das tinas e jiraus, Jerônimo, ao lado da mulher e da Rita, seguia dentro de um carro para o hospital.

Substitua a expressão **com efeito** por outra expressão ou palavra, de mesmo sentido.

15) (FGV-2001) “Minha memória não se desgrudava daquela cena e meu olhar apagava a paisagem ao meu redor.”

Escreva a seguir as palavras dessa frase que têm sentido conotativo. Explique.

16) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto *A cartomante* de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

Qual é o significado de comprovinciana no texto? Explique, da perspectiva etimológica, como se pode chegar à conclusão de que o sentido é esse.

17) (FGV-2003) Qual é o significado de prescindir de no período abaixo?

*Os novos diretores não podem prescindir de gente capaz.*

18) (FGV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

O Mundo das Não-palavras

Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer e do compreender centralizam-se em torno da relação entre a linguagem e a realidade, entre o símbolo e o fato. Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta que concordamos em chamar palavras, e estas palavras que concordamos em aceitar como “moeda legal” para a troca de informações, por que mágica, por que regras prosaicas, exercem elas suas estranhas funções? Se olharmos demoradamente para uma palavra, ela se converterá, de fato, para nós em meras marcas de tinta dentro de um

padrão peculiar de linhas. A princípio, parece escrita corretamente, depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos dominados pela impressão de que o simples cogitar de sua grafia é penetrar nos mais intrincados labirintos da Humanidade.

Está claro que, se olharmos reflexivamente para qualquer coisa por um espaço de tempo suficientemente longo, como um bezerro olha para uma porteira nova, ela tende a aparecer afinal como se fosse totalmente inexplicável. Um grande filósofo observou, de uma feita, que a mais estranha invenção em toda a História era essa cobertura peculiar para o pé humano que nós denominamos meia. Ele estivera olhando para uma delas durante vários minutos. Há momentos, contudo, em que parece impossível que qualquer outra invenção humana pudesse ser mais surpreendente e estranha do que uma palavra - a palavra *meia*, por exemplo.

Wendell Johnson, tradução de Octavio Mendes Cajado.

A expressão *de uma feita*, em '*Um grande filósofo observou, de uma feita, que a mais estranha invenção em toda a História era essa cobertura peculiar para o pé humano que nós denominamos meia*', utilizada no texto, significa:

- Definitivamente.
- De certa forma.
- Devagar.
- Dessa forma.
- Certa vez.

19) (FGV-2003) Leia o texto abaixo, fragmento de um conto chamado "A nova Califórnia", de Lima Barreto. Depois, responda à pergunta correspondente.

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel (.....). Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

- Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

Nas frases abaixo, a palavra **venda** tem o mesmo sentido e a mesma classificação? Explique.

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na **venda** perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

A **venda** do veículo foi feita pela Internet. Os documentos foram solicitados ao Departamento de Trânsito, que os enviou imediatamente.

20) (FGV-2004) "Às vezes, uma que outra se escapa e vem luzir-se desdentadamente, em público, nalguma oração de paraninfo".

Transcreva essa frase, substituindo as palavras sublinhadas, sem alterar-lhes o sentido. Faça as adaptações necessárias.

21) (FGV-2004) Observe o trecho a seguir: "...e vinte vezes já o havia feito sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça."

Nesse trecho:

- Que palavra está subentendida na expressão **de uma só**?
- O que significa **desse fé**?

22) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não  
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para  
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava de belas aves e em derredor pescava-se excelente  
4. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia  
5. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,  
6. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação  
7. esta rude gruta, onde ainda então não se via a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os  
8. quinze  
9. anos era inocente como a flor, e por isso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou a  
10. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da rola; a causa disto estava no agradável parecer de um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia  
11. feito  
12. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;  
13. o nome dela era Ahy.  
14. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava  
15. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas

21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento  
 22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,  
 23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso  
 24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o  
 25. ar, refrescar a frente do guerreiro adormecido.  
 Mas  
 26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de  
 27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer  
 28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem  
 29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.  
 30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou  
 31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia  
 32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até  
 33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha  
 34. compreendido que a grande arma da mulher está  
 35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

- O que significa, literalmente, **dardejava**?
- E na linha 17 do texto, o que significa esse verbo?
- Que figura de linguagem ocorre nesse caso?

23) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não  
 2. haviam sido por uma tempestade empurrados para  
 3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava  
 4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente  
 5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia  
 6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,  
 7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação  
 8. esta rude gruta, onde ainda então não se via  
 9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze  
 10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre  
 11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a  
 12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da  
 13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de  
 14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha  
 15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito  
 16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes  
 17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;  
 18. o nome dela era Ahy.  
 19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava  
 20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas

21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento  
 22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,  
 23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso  
 24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o  
 25. ar, refrescar a frente do guerreiro adormecido.  
 Mas  
 26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de  
 27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer  
 28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem  
 29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.  
 30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou  
 31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia  
 32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até  
 33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha  
 34. compreendido que a grande arma da mulher está  
 35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

- O que significa **extremos** na linha 26 do texto?
- Como o texto justifica a afirmação de que os extremos eram **mal pagos**?

24) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:  
 Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!  
 Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.  
 Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.  
 As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da

vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Rebeldes tem como antônimo dóceis; tiranos tem como sinônimo autocratas. Assinale a alternativa em que o par de antônimos e o de sinônimos, nesta ordem, está correto.

- Vangloriavam e orgulhavam; heresia e ateísmo.
- Perpétuo e efêmero; súditos e vassalos.
- Líder e ideólogo; engrenam e engatam.
- Ônus e compromisso; esmigalha e esfacela.
- Dilemas e certezas; insuflar e esvaziar.

25) (FGV-2006) Leia o texto abaixo.

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se de veras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

- Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto:

- Gatuno, sim senhor. Não é outra coisa um filho que me faz isto...

Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu-mos na cara. - Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem coisa nenhuma.

Machado de Assis

O principal efeito artístico encontrado na primeira frase do excerto pode ser comparado, mais propriamente, ao que aparece na frase:

- Lançou ao mar o tridente e a âncora.
- Emitiu algumas palavras e outras sonoridades estranhas.
- Pedi um refrigerante e o almoço.
- Trabalhou o barro e o ferro.
- Comeu toda a macarronada e minha paciência.

26) (FMTM-2002)



(Folha de S. Paulo, 30/3/92)

A graça nos quadrinhos deve-se ao fato de

- o rato e a barata estarem num ônibus cheio e ficarem assustando as pessoas.
- as pessoas pisarem no rato e na barata, por os acharem bichos nojentos.
- o rato e a barata brincarem com o sentido da palavra coletivo.
- a barata não saber responder às perguntas feitas pelo rato.
- o rato e a barata ficarem escondidos das pessoas.

27) (FMTM-2002) Endechas à escrava Bárbara

Aquela **cativa**,  
que me tem **cativo**  
porque nela vivo,  
já não quer que viva.  
Eu nunca vi rosa  
em suaves molhos,  
que para meus olhos  
fosse mais formosa.

Uma graça viva,  
que neles lhe mora,  
para ser senhora  
de quem é cativa.  
Pretos os cabelos,  
onde o povo vão  
perde opinião  
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,  
tão doce a figura,  
que a neve lhe jura  
que trocara a cor.  
Leda mansidão  
que o siso acompanha;  
bem parece estranha,  
mas bárbara não.

Vocabulário:

Endechas: Versos em redondilha menor (cinco sílabas).

Molhos: feixes.

Leda: risonha.



Vão: fútil.

Observando as palavras em destaque nos dois primeiros versos do poema, é correto afirmar que

- nos dois casos, as palavras têm o mesmo significado, ou seja, entregar-se à pessoa amada.
- para o poeta, cativo é estar apaixonado; para a escrava, cativa é não ter liberdade.
- são palavras de sentido diferente, pois a escrava é cativa do amor, mas o poeta não.
- em ambos os casos, as palavras indicam que tanto o poeta quanto a escrava não têm liberdade física.
- o poeta, apaixonado (cativo) pela escrava, comprou-a e tornou-a cativa (sua propriedade).

28) (FMTM-2003) Leia o texto, para responder à questão a seguir.

Cão reencontrado

As lembranças, a história e a lição de Veludo  
Ivan Angelo

Era muitas vezes com lágrimas nos olhos que se aprendia a dar valor à amizade, ao caráter e ao amor. Exemplos melodramáticos não faltavam, e talvez por isso se tenham tornado marcantes.

Nunca pude me esquecer de um longo poema lido em aula pela professora, no 2º ano primário. Falava de um cão, feio mas dedicado, de que o dono procura se desfazer, afogando-o no mar. Lembro-me da forte emoção com que acompanhamos a leitura, e da minha atenção ao copiá-lo depois. Decorei-o inteiro, e declamava-o para outros meninos, provavelmente quando tinha por perto algum bolo de aniversário. Ao terminar a narrativa da tragédia de Veludo, havia olhos úmidos na pequena platéia.

Era esse o nome do cão: Veludo. *Magro, asqueroso, revoltante, imundo* - dizia o poema. Passaram-se os anos, e restavam dele em minha memória os seis primeiros versos e uma lição de moral.

Aquele cachorro incomodava o dono. Deu-o à mulher de um carvoeiro. Respirou aliviado por não ser mais de dar um osso diariamente *a um bicho vil, a um feio cão imundo*. Porém à noite alguém bateu à porta: *Era Veludo*. Lambeu as mãos do narrador, farejou a casa satisfeito e foi dormir *junto do meu leito*. Para se livrar dele, resolveu matá-lo.

Numa noite, em que *zunia a asa fúnebre dos ventos*, levou Veludo para o mar, de barco. Longe da costa, ergueu o cão nos braços e atirou-o ao mar. Deixou-o lá, voltou a terra, entrou em casa e, ao tirar o manto, notou - *oh grande dor!* - que havia perdido na operação o cordão de prata com o retrato da mãe. Concluiu, com rancor, que a culpa era do cão: *Foi esse cão imundo / A causa do meu mal!* E completou: se duas vidas o animal tivesse, duas vidas lhe arrancaria.

Nesse momento, ouviu uivos à porta. *Era Veludo!* (Arrepiado, leitor?) O cão arfava. Estendeu-se a seus pés e *docemente / Deixou cair da boca que espumava / A medalha suspensa da corrente*.

Sacudiu-o, chamou-o. *Estava morto*.

Aprendiam-se dramaticamente os valores da vida.  
(Veja São Paulo, Adaptado)

Considerando o contexto, o antônimo de *vil* e o sinônimo de *arfava* são, correta e respectivamente,

- doente e babava.
- ordinário e arquejava.
- nobre e ofegava.
- distinto e corria.
- levado e chegava.

29) (Fuvest-2002)



Reflorestar as margens dos rios Pinheiros e Tietê, arborizar praças, ruas e escolas, criar novos parques, melhorar a qualidade do ar e da vida das pessoas, aumentar a consciência ecológica dos adultos e das futuras gerações. (...) Logo, logo você vai ver o Pomar em cada canto da cidade. Projeto Pomar. Concreto aqui, só os resultados. (Adaptado de ISTOÉ, 19/9/2001)

Considerando-se o contexto deste anúncio, o tipo de efeito de sentido que ocorre na expressão “deixa no ar” também se verifica em:

- Reflorestar as margens dos rios Pinheiros e Tietê.
- Melhorar a qualidade do ar.
- Consciência ecológica dos adultos e das futuras gerações.
- Em cada canto da cidade.
- Concreto aqui, só os resultados.

30) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o

que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

A frase em que a palavra sublinhada preserva o sentido com que foi empregada no texto é:

- Na mais sumária **relação** das virtudes humanas não deixará de constar a sinceridade.
- Sobretudo os **pobres** sentem o peso do que seja banimento ou discriminação.
- É por vezes difícil a **discriminação** entre tolerância e menosprezo.
- Enfrentar a **contradição** é sempre um grande passo para o nosso crescimento.
- Se **traduzir** é difícil, mais difícil é o diálogo entre pessoas que se mascaram na mesma língua.

**31) (Fuvest-2001)** Um dos traços marcantes do atual período histórico é (...) o papel verdadeiramente despótico da informação. (...) As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde.

(Milton Santos, Por uma outra globalização)

Observe os sinônimos indicados entre parênteses:

- “o papel verdadeiramente despótico (= tirânico) da informação”;
- “dos homens em sua realidade intrínseca (= inerente)”;
- “são apropriadas (= adequadas) por alguns Estados”.

Considerando-se o texto, a equivalência sinonímica está correta APENAS em:

- I.
- II.
- III.
- I e II.
- I e III.

**32) (Fuvest-2001)** Dinheiro encontrado no lixo

Organizados numa cooperativa em Curitiba, catadores de lixo livraram-se dos intermediários e conseguem ganhar por mês, em média, R\$600,00 - o salário inicial de uma professora de escola pública em São Paulo.

O negócio prosperou porque está em Curitiba, cidade conhecida dentro e fora do país pelo sucesso na reciclagem do lixo.

(Folha de S. Paulo, 22/09/00)

Quando se lê esta notícia, nota-se que seu título tem duplo sentido.

- Quais são os dois sentidos do título?
- Crie para a notícia um título que lhe seja adequado e não apresente duplo sentido.

**33) (Fuvest-2002)** Considere este trecho de um diálogo entre pai e filho (do romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar):

- Quero te entender, meu filho, mas já não entendo nada.  
- Misturo coisas quando falo, não desconheço, são as palavras que me empurram, mas estou lúcido, pai, sei onde me contradigo, piso quem sabe em falso, pode até parecer que exorbito, e se há farelo nisso tudo, posso assegurar, pai, que tem muito grão inteiro. Mesmo confundindo, nunca me perco, distingo para o meu uso os fios do que estou dizendo.

No trecho, ao qualificar o seu próprio discurso, o filho se vale tanto de linguagem denotativa quanto de linguagem conotativa.

- A frase estou lúcido, pai, sei onde me contradigo é um exemplo de linguagem de sentido denotativo ou conotativo? Justifique sua resposta.
- Traduza em linguagem de sentido denotativo o que está dito de forma figurada na frase: se há farelo nisso tudo, posso assegurar, pai, que tem muito grão inteiro.

**34) (Fuvest-2002)** E não há melhor resposta que o espetáculo da vida:

vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.

(João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*)

- A fim de obter um efeito expressivo, o poeta utiliza, em *a fábrica e se fabrica*, um substantivo e um verbo que têm o mesmo radical.

Cite da estrofe outro exemplo desse mesmo recurso expressivo.

b) A expressividade dos seis últimos versos decorre, em parte, do jogo de oposições entre palavras.

Cite desse trecho um exemplo em que a oposição entre as palavras seja de natureza semântica.

**35) (Fuvest-2000)** Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

(Graciliano Ramos, *Vidas secas*)

Reestruturando-se o terceiro período do texto, mantém-se o sentido original apenas em:

a) A viagem progredira bem três léguas, uma vez que haviam repousado bastante na areia do rio seco, dado que ordinariamente andavam pouco.

b) Havia repousado bastante na areia do rio seco; a viagem progredira bem três léguas porque ordinariamente andavam pouco.

c) Porque haviam repousado bastante na areia do rio seco, ordinariamente andavam pouco, e a viagem progredira bem três léguas.

d) Ainda que ordinariamente andassem pouco, a viagem progredira bem três léguas, pois haviam repousado bastante na areia do rio seco.

e) Em virtude de andarem ordinariamente pouco e de haverem repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas.

**36) (Fuvest-2000)** As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrihadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.

(Eça de Queirós, *A ilustre Casa de Ramires*)

Há, no texto, analogia entre o sentido da expressão “gárrulas como cigarras” e o sentido de

a) “tecedeiras de todas as intrigas”.

b) “olhinhos furantes”.

c) “azeviche sujo”.

d) “sua solta língua”.

e) “entre os dentes ralos”.

**37) (Fuvest-2000)** Essa vida por aqui

é coisa familiar;

mas diga-me retirante,

sabe benditos rezar?

sabe cantar excelências,

defuntos encomendar?

sabe tirar ladainhas,

sabe mortos enterrar?

(João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*)

Neste contexto, o verso “defuntos encomendar” significa

a) ordenar a morte de alguém.

b) lavar e vestir o defunto.

c) matar alguém.

d) preparar a urna funerária.

e) orar pelo defunto.

**38) (Fuvest-1998)** A negociação entre presidência e oposição é condição sine qua non para que a nova lei seja aprovada.

A expressão latina, largamente utilizada em contextos de língua portuguesa, significa, neste caso:

a) prioritária.

b) relevante.

c) pertinente.

d) imprescindível.

e) urgente.

**39) (Fuvest-1998)** Não se trata aqui, é óbvio, de procurar eximir os meios de comunicação da responsabilidade por seus produtos. Mas determinar de antemão o que não pode ser veiculado e policiar a expressão livre de idéias e informações - ou seja, chancelar a censura.

(Folha de S. Paulo, 28/08/97, 1-2)

Depreende-se do texto que seu autor:

a) pretende corroborar a censura, embora afirme que os meios de comunicação devam ser responsabilizados por seus produtos.

b) isenta os meios de comunicação de responsabilidades em relação aos produtos que veiculam.

c) posiciona-se contra a censura prévia e reconhece que os meios de comunicação podem ser responsabilizados pelos produtos que veiculam.

d) pretende evitar a censura, estabelecendo critérios prévios quanto ao que pode ou não ser veiculado nos meios de comunicação.

e) busca transferir para o próprio órgão de imprensa a responsabilidade pela censura prévia.

**40) (Fuvest-1998)** A palavra **sanção** com o significado de ratificação ocorre apenas em:

a) Aplicar **sanções** a grevistas não é direito nem dever de um presidente.

- b) Eventual **sanção** do presidente à nova lei, aprovada ontem, poderá desagradar a setores de todas as categorias.
- c) As **sanções** previstas na lei eleitoral não exercem influências significativas sobre a paixão dos militantes.
- d) O novo diretor prefere **sanções** a diálogos.
- e) O contrato prevê **sanções** para os inadimplentes.

41) (Fuvest-1998) Agora os parlamentares concluem sua obra com a anuência unânime àquele dispositivo inconstitucional.

(Folha de S. Paulo, 28/08/97, 1-2)

A paráfrase correta do texto é:

- a) A maioria dos parlamentares aprova um certo dispositivo inconstitucional.
- b) Os parlamentares, sem exceção, aprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
- c) Todos os parlamentares reprovam o dispositivo inconstitucional anteriormente mencionado.
- d) A maioria absoluta dos parlamentares boicotou um certo dispositivo inconstitucional.
- e) A maioria dos parlamentares conclui sua obra com indiferença à aprovação ou não de um certo dispositivo inconstitucional.

42) (Fuvest-1999) **Mesmo sem ver** quem está do outro lado da linha, os fãs dos bate-papos virtuais viram amigos, namoram e alguns chegam até a casar.

(Época, n°1, 25/05/98)

- a) O segmento sublinhado constitui uma oração reduzida. Substitua-a por uma oração (introduzida por conjunção e com o verbo no modo indicativo ou subjuntivo), sem produzir alteração do sentido.
- b) Reescreva a oração "os fãs dos bate-papos virtuais viram amigos" sem mudar-lhe o sentido e sem provocar incorreção, apenas substituindo o verbo.

43) (Fuvest-2003)



BR. Contribuindo para o cinema brasileiro rodar cada vez melhor.

A Petrobras Distribuidora sempre investiu na cultura do País e acreditou no potencial do cinema brasileiro. E a Mostra BR de Cinema é um exemplo disso. Sucesso de público e crítica, hoje a Mostra já está na sua 26ª edição e sua qualidade é reconhecida por cineastas do mundo todo. E você tem um papel muito importante nesta história: toda vez que abastecer em um Posto BR estará contribuindo também para o cinema brasileiro rodar cada vez mais. (Adaptado do Catálogo da 26ª Mostra BR de Cinema - out/2002)

Considerando os elementos visuais e verbais que constituem este anúncio, identifique no texto

- a) a palavra que estabelece de modo mais eficaz uma relação entre patrocinado e patrocinador. Justifique sua resposta.
- b) duas possíveis leituras da frase E você tem um papel muito importante nesta história.

44) (fuvest-2004) Compare o provérbio "Por fora bela viola, por dentro pão bolorento" com a seguinte mensagem publicitária de um empreendimento imobiliário:

"Por fora as mais belas árvores. Por dentro a melhor planta."

- a) Os recursos sonoros utilizados no provérbio mantêm-se na mensagem publicitária? Justifique sua resposta.

b) Aponte o jogo de palavras que ocorre no texto publicitário, mas não no provérbio.

45) (Fuvest-2004) Conversa no ônibus

Sentaram-se lado a lado um jovem publicitário e um velhinho muito religioso. O rapaz falava animadamente sobre sua profissão, mas notou que o assunto não despertava o mesmo entusiasmo no parceiro. Justificou-se, quase desafiando, com o velho chavão:

- A propaganda é a alma do negócio.

- Sem dúvida, respondeu o velhinho. Mas sou daqueles que acham que o sujeito dessa frase devia ser o negócio.

a) A palavra alma tem o mesmo sentido para ambas as personagens? Justifique.

b) Seguindo a indicação do velhinho, redija a frase na versão que a ele pareceu mais coerente.

46) (Fuvest-2004) No conto A hora e vez de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa, o protagonista é um homem rude e cruel, que sofre violenta surra de capangas inimigos e é abandonado como morto, num brejo.

Recolhido por um casal de matutos, Matraga passa por um lento e doloroso processo de recuperação, em meio ao qual recebe a visita de um padre, com quem estabelece o seguinte diálogo:

- Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?

- Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum... (...) Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito.

a) A linguagem figurada amplamente empregada pelo padre é adequada ao seu interlocutor? Justifique sua resposta.

b) Transcreva uma frase do texto que tenha sentido equivalente ao da frase não regateia a nenhum coração contrito.

47) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta “mais uma vez” porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que “o tempo não pára”. É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Considere as seguintes afirmações:

I. Os trechos “mordeu a vida com todos os dentes” e “caminhar na corda bamba e sem rede” podem ser compreendidos tanto no sentido figurado quanto no sentido literal.

II. Na frase “De que adiantaria um prazer que (...) cortasse o galho sobre o qual estou sentado”, o sentido da expressão sublinhada corresponde ao de “se está sentado”.

III. Em “mais uma vez”, no início do terceiro parágrafo, o autor empregou aspas para indicar a precisa retomada de uma expressão do texto.

Está correto o que se afirma em

a) I, somente

b) I e II, somente

c) II, somente

d) II e III, somente

e) I, II e III

48) (Fuvest-2005) “Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou--lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina,

adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.  
(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

Dos verbos no infinitivo que ocorrem na resposta do sacristão e da sacristã, o único que deve ser entendido, necessariamente, em dois sentidos diferentes é:

- a) “queimar”.
- b) “comer”.
- c) “andar”.
- d) “adoecer”.
- e) “sara”.

49) (Fuvest-2005) “Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou--lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.  
(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

A palavra assinalada no trecho “que devia ser sua colaboradora na **vida** de Dona Plácida” mantém uma relação sinonímica com a palavra **dia(s)** em:

- a) “um dia, (...) viu entrar a dama”.
- b) “Viu-a outros dias”.
- c) “ao acender os altares, nos dias de festa”.
- d) “podia dizer aos autores de seus dias”.
- e) “até acabar um dia na lama”.

50) (FUVEST-2007) Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último “Quarto de Badulaques”. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em “varreção” - do verbo “varrer”. De fato, tratava-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao

trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário (...). O certo é “varrição”, e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim, porque nunca os ouvi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário (...). Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção”, quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

Rubem Alves

<http://rubemalves.uol.com.br/quartodebadulaques>

“Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.”

Considerada no contexto, essa frase indica, em sentido figurado, que, para o autor,

- a) a forma e o conteúdo são indissociáveis em qualquer mensagem.
- b) a forma é um acessório do conteúdo, que é o essencial.
- c) o conteúdo prescinde de qualquer forma para se apresentar.
- d) a forma perfeita é condição indispensável para o sentido exato do conteúdo.
- e) o conteúdo é impreciso, se a forma apresenta alguma imperfeição.

51) (FUVEST-2007) Sair a campo atrás de descobridores de espécies é uma expedição arriscada. Se você não é da área, vale treinar um “biologuês” de turista. Mas, mesmo quem não tem nada a ver com o pato-mergulhão ou a morfologia da semente da Lauráceas, pode voltar fascinado da aproximação com esses especialistas.

De olhos nos livros e pés no mato, eles etiquetam a natureza, num trabalho de formiga. São minoria que dá nome aos bois — e a plantas, aves, mosquitos, vermes e outros bichos.

Heloisa Helvécia, **Revista da Folha**.

- a) Transcreva do texto as expressões que mais diretamente exemplificam o “biologuês” mencionado pela autora.
- b) Tomada em seu sentido figurado, como se deve entender a expressão “dar nome aos bois”, utilizada no texto?

52) (ITA-2001) Na frase abaixo, extraída do texto publicitário de um conceituado restaurante, há uma palavra cujo significado contraria o efeito de sentido esperado.

*A nossa meta de atendimento é eficiência e cortesia.*

- a) Localize a palavra e explique por que ela contraria o objetivo publicitário do texto.

b) Escreva uma frase semelhante, mas que produza o efeito de sentido esperado nesse texto publicitário.

53) (ITA-2000) Leia os dois enunciados abaixo:

a) “A Sadia descobriu o *jeitinho* italiano”.  
(Propaganda da Sadia, fabricante de alimentos, para as massas prontas congeladas.)

b) “Queremos mostrar que o Brasil tem *jeito*”.  
(Pronunciamento de um político em propaganda televisiva levada ao ar em julho/1999.)

Por que não é possível a substituição de *jeitinho* por *jeito* e vice-versa nos enunciados?

54) (ITA-2000) Você entra no bate-papo, conversa, troca e-mail, faz amizade. Passa horas navegando com um bando de estranhos. E nunca sabe ao certo com quem está falando. O anonimato pode ser uma das vantagens da rede, mas também uma armadilha. Para tentar evitar possíveis decepções na hora da verdade, a Internet vai sofisticando recursos, unindo psicologia, tecnologia e diversão e tentando melhorar o que podemos chamar de relacionamento em rede.

As novidades são boas para quem aposta no virtual como alternativa na hora de conhecer novas pessoas e para quem não quer levar para a vida real um gato no lugar de uma lebre, com o devido respeito aos bichinhos.

(...)

(Viviane Zandonadi. Você sabe quem está falando? *Folha de S. Paulo*, Caderno Informática, 4/8/1999.)

a) Escreva duas palavras ou expressões do texto que ganharam novos sentidos na área da informática.  
b) Em se tratando de relacionamentos amorosos, levar “gato” (ou “gata”) no lugar de “lebre” poderá ser um bom negócio. Explique por que é possível essa interpretação.

55) (ITA-2000) A psicologia evolucionista aprontou mais uma: “descobriu” que mulheres preferem homens mais másculos quando estão na fase fértil do ciclo menstrual. A pesquisa foi realizada pela Escola de Psicologia da Universidade de Saint Andrews, na Escócia (Reino Unido). É um gênero de investigação que anda na moda e acende polêmicas onde aparece. Os adeptos da psicologia evolucionista acham que escolhas e comportamentos humanos são ditados pelos genes, antes de mais nada. Dito de outro modo: as pessoas agiriam, ainda hoje, de acordo com o que foi mais vantajoso para a espécie no passado remoto, ou para a sobrevivência dos indivíduos. Entre outras coisas, esses darwinistas extremados acreditam que machos têm razões biológicas para ser mais promíscuos. (...)

Marcelo Leite. Ciclo menstrual pode alterar escolha sexual, *Folha de S. Paulo*, Caderno Ciência. 24/6/1999.)

a) Aponte duas marcas ou expressões lingüísticas usadas no texto que produzem efeito de ironia.  
b) Por que essas marcas ou expressões, apontadas em (A), produzem efeito de ironia?

56) (ITA-2000) Assinale a opção em que a manchete de jornal está mais em acordo com os cânones da “objetividade jornalística”:

a) O mestre do samba volta em grande forma *O Estado de S. Paulo*, 17/7/1999.)  
b) O pior do sertão na festa dos 500 anos (*O Estado de S. Paulo*, 17/7/1999.)  
c) Proteína direciona células no cérebro (*Folha de S. Paulo*, 24/7/1999.)  
d) A farra dos juroz saiu mais cara que a da casa própria (*Folha de S. Paulo*, 13/6/1999.)  
e) Dono de telas “falsas” diz existir “armação” *O Estado de S. Paulo*, 21/7/1999.)

57) (ITA-2000) Filme bom é filme antigo? Lógico que não, mas “A Múmia”, de 1932, põe a frase em xeque. Sua refilmagem, com Brendan Fraser no elenco, ainda corre nos cinemas brasileiros, repleta de humor e efeitos visuais.

Na de Karl Freund, há a vantagem de Boris Karloff no papel-título, compondo uma múmia aterrorizadora, fiel ao terror dos anos 30.

Apesar de alguma precariedade, lança um clima de mistério que a versão 1999 não conseguiu, tal a ênfase dada à embalagem. Daí “nem sempre cinema bom são efeitos especiais” deveria ser a tal frase. (PSL) A precária e misteriosa múmia de 32, *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, 4/8/1999.)

Em: “tal a ênfase dada à embalagem” e “deveria ser a tal frase”, os termos em destaque nas duas frases podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) semelhante; aquela.  
b) tamanha; essa.  
c) tamanha; aquela.  
d) semelhante; essa.  
e) essa; aquela.

58) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

(...)

As angústias dos brasileiros em relação ao português são de duas ordens. Para uma parte da população, a que não teve acesso a uma boa escola e, mesmo assim, conseguiu galgar posições, o problema é sobretudo com a gramática. É esse o público que consome avidamente os fascículos e livros do professor Pasquale, em que as regras básicas do idioma são apresentadas de forma clara e bem-humorada. Para o segmento que teve oportunidade de estudar em

bons colégios, a principal dificuldade é com clareza. É para satisfazer a essa demanda que um novo tipo de profissional surgiu: o professor de português especializado em adestrar funcionários de empresas. Antigamente, os cursos dados no escritório eram de gramática básica e se destinavam principalmente a secretárias. De uns tempos para cá, eles passaram a atender primordialmente gente de nível superior. Em geral, os professores que atuam em firmas são acadêmicos que fazem esse tipo de trabalho esporadicamente para ganhar um dinheiro extra. “É fascinante, porque deixamos de viver a teoria para enfrentar a língua do mundo real”, diz Antônio Suárez Abreu, livre-docente pela Universidade de São Paulo (...) (JOÃO GABRIEL DE LIMA. Falar e escrever, eis a questão. Veja, 7/11/2001, n. 1725)

Considerando que o autor do texto apresenta os fatos a partir da perspectiva daqueles que procuram um curso de língua portuguesa, aponte o sentido que a palavra “demanda” assume no texto.

- a) busca
- b) necessidade
- c) exigência
- d) pedido
- e) disputa

59) (ITA-2003) Leia o texto a seguir.

#### Boleiros sob medida

Ciência e futebol é uma tabelinha raramente esboçada no Brasil. A academia não costuma eleger os gramados como objeto de estudo e o mundo dos boleiros tampouco tem o hábito de, digamos, dar bola para que os pesquisadores dizem sobre o esporte mais popular do planeta. Numa situação privilegiada nos dois campos, tanto na ciência quanto no futebol, Turíbio Leite de Barros, diretor do centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte da Universidade Federal de São Paulo (Cemafe/Unifesp) e fisiologista da equipe do São Paulo Futebol Clube há 15 anos, produziu um estudo que traça o perfil do futebol praticado hoje no Brasil do ponto de vista das exigências físicas a que os jogadores de cada posição do time são submetidos numa partida. (MARCOS PIVETTA. Pesquisa. FAPESP, maio de 2002, p. 42)

- a) O texto contém termos do universo do futebol, como, por exemplo, “tabelinha”, uma jogada rápida e entrosada normalmente entre dois jogadores. Retire do texto outras duas expressões que, embora caracterizem esse universo, também assumem outro sentido. Explique esse sentido.
- b) O título pode ser considerado ambíguo devido à expressão “sob medida”. Aponte dois sentidos possíveis para a expressão, relacionando-os ao conteúdo do texto.

60) (ITA-2005) Na tirinha de Caco Galhardo, a palavra “sentido” assume duas acepções.



Das frases abaixo, indique a opção em que a palavra “sentido” tem o mesmo significado que tem na fala do soldado.

- a) Sentido com o que lhe fizeram, não os procurou mais.
- b) Sua decisão apressada não revela muito sentido.
- c) Ninguém compreendeu o sentido de sua atitude.
- d) O caminho bifurca-se em dois sentidos.
- e) Muitos escritores buscam o sentido das coisas.

61) (Mack-2001) Quando eu me sento à janela

P’los vidros que a neve embaça  
Vejo a doce imagem dela  
Quando passa... passa... passa...

Lançou-me a mágoa seu véu: -  
Menos um ser neste mundo  
E mais um anjo no céu.

Quando eu me sento à janela,  
P’los vidros que a neve embaça  
Julgo ver a imagem dela  
Que já não passa... não passa...  
*Fernando Pessoa*

I - Os versos 6 e 7 referem-se à morte de maneira denotativa.

II - Nos versos 6 e 7 há uma referência irônica ao véu da mágoa.

III - O paralelismo entre os versos 1/2 e 8/9 aponta para uma ação cíclica.

Das afirmações acima:

- a) apenas I está correta.
- b) apenas II está correta.
- c) apenas III está correta.
- d) todas estão corretas.
- e) nenhuma está correta.

62) (Mack-2002) ... isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta (...) É como a eloquência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha.

*Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas*

No contexto, gravata e suspensórios



- a) expressam metafóricamente os aspectos positivos do método, do qual, segundo o narrador, toda obra depende.
- b) caracterizam metonimicamente o método “fresco” e “solto” que o narrador reconhece como essencial.
- c) equivalem, em seu sentido denotativo, às qualidades do método que o narrador julga indispensáveis.
- d) correspondem, respectivamente, a possíveis rigidez e vantagens do método, defendidos por serem imprescindíveis.
- e) adquirem sentido conotativo por representar a austeridade do método, atributo que o narrador gostaria de ver minimizado.

63) (Mack-2004) O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje *alguma coisa* que às vezes lhe recordava o passado: essa *alguma coisa* era a Maria-Regalada que morava na prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto; daí é que vinha o apelido - *regalada* - que haviam ajuntado a seu nome. Isto de apelidos, era no tempo destas histórias uma coisa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse apêndice ao seu nome.

Obs.: de truz - de primeira ordem, magnífica

#### Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias

No segmento fora daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário, a expressão “não deu o seu quinhão ao vigário”

- a) foi empregada em sentido figurado e deve ser entendida assim: “não agia em conformidade com a moral e os bons costumes”.
- b) é um recurso de estilo, utilizado para levar à compreensão do seguinte traço pecaminoso da personagem: “rejeitava o pagamento do dízimo”.
- c) constitui uma metáfora, com a qual o narrador caracteriza o traço de incredulidade da personagem com relação à fé católica.
- d) pode ser substituída, sem prejuízo do sentido original, por: “não desempenhava nenhuma atividade assistencial”.
- e) compõe a caracterização do major e, denotativamente, aponta para a seguinte idéia: “não reconhecia seus erros perante o pároco”.

64) (Mack-2007) A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes da infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês. Digo, modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado. Mas disso

não faço glória, pois sou sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada. Já morreu o antigamente em que Ponciano mandava saber nos ermos se havia um caso de lobisomem a sanar ou pronta justiça a administrar. Só de uma regalia não abri mão nesses anos todos de pasto e vento: a de falar alto, sem freio nos dentes, sem medir consideração, seja em compartimento do governo, seja em sala de desembargador. Trato as partes no macio, em jeito de moça. Se não recebo cortesia de igual porte, abro o peito:

— Seu filho de égua, que pensa que é?

José Cândido de Carvalho – O coronel e o lobisomem: deixados do Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da praça de Campos de Goitacazes

Obs.: compartimento do governo - repartição pública

Assinale a alternativa correta.

- a) São exemplos de linguagem denotativa o emprego de verdes (linha 04) e da expressão freio nos dentes (linha 12).
- b) A conjunção pois (linha 07) foi empregada com o mesmo sentido observado em “Está em repouso absoluto, não podendo, pois, deslocar-se até aqui”.
- c) O contexto exige que a frase introduzida pelo advérbio Já (linha 08) seja entendida como expressão de um fato lamentado pelo narrador.
- d) A conjunção se (linha 09) introduz orações adverbiais condicionais.
- e) As expressões a sanar e a administrar (linha 10) admitem ser entendidas em sentido passivo.

65) (PUC - SP-2007) A segunda oração que compõe a referida peça publicitária contém a expressão “pratos elaborados **bilhões** e **bilhões** de vezes”. Em recente declaração à Revista Veja a respeito de seu filho, o presidente Luís Inácio Lula da Silva fez a seguinte afirmação “Deve haver **um milhão** de pais reclamando: por que meu filho não é o Ronaldinho? Porque não pode todo mundo ser o Ronaldinho.”

(Revista Veja Edição 1979 — 25 out. 2006).

A respeito das expressões destacadas em negrito nos trechos acima, é lingüisticamente adequado afirmar que

- a) apenas em “bilhões e bilhões”, em que bilhões é essencialmente advérbio, existe uma indicação precisa de quantidade.
- b) apenas em “um milhão”, em que milhão é essencialmente adjetivo, existe uma indicação precisa de quantidade.
- c) em ambas as expressões, que são conjunções coordenativas aditivas, existe uma indicação precisa de quantidade.
- d) em ambas as expressões, que são essencialmente numerais, existe um uso figurado que expressa exagero intencional.

e) apenas em “bilhões e bilhões”, em que bilhões é essencialmente pronome, existe um uso figurado que expressa exagero intencional.

#### 66) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública. Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal “discriminação positiva”. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.

(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

O termo *tal* nas expressões *O tal sistema de cotas e uma tal “discriminação positiva”* dá a idéia de

- a) desdém
- b) indiferença
- c) indefinição
- d) indignação

#### 67) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública. Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal “discriminação positiva”. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.

(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

O dicionário apresenta várias possibilidades de sinonímia entre as palavras. No entanto termos dados como equivalentes em sentido podem apresentar certa gradação quanto à intensidade. Nessa perspectiva, podemos dizer, quanto a *odeio* e a *abomino*, que

- a) *odeio* é mais intenso e equivale a detesto
- b) *odeio* é menos intenso e equivale a sinto horror
- c) *abomino* é menos intenso e equivale a detesto
- d) *abomino* é mais intenso e equivale a sinto horror

#### 68) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma consequência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.

Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por consequência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal "discriminação positiva". Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.

(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Considere as relações de sentido que as palavras do texto estabelecem entre si. O grupo em que um dos termos **NÃO** pertence ao mesmo campo semântico é

- a) *escola; educação; estudantes*
- b) *preconceito; gueto; injustiça*
- c) *decretos; consciências; cotas*
- d) *paternalismos ; retórica; projeto*

69) (UECE-1996) PARA QUEM QUER APRENDER A GOSTAR "Talvez seja tão simples, tolo e natural que você nunca tenha parado para pensar: aprenda a fazer bonito o seu amor. Ou fazer o seu amor ser ou ficar bonito. Aprenda, apenas, a tão difícil arte de amar bonito. Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender.

Tenho visto muito amor por aí. Amores mesmo, bravios, gigantescos, descomunais, profundos, sinceros, cheios de entrega, doação e dádiva. Mas esbarram na dificuldade de se tornar bonitos. Apenas isso: bonitos, belos ou embelezados, tratados com carinho, cuidado e atenção. Amores levados com arte e ternura de mãos jardineiras. Aí esses amores que são verdadeiros, eternos e descomunais de repente se percebem ameaçados apenas e tão somente porque não sabem ser bonitos: cobram, exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões. Sim, de razões. Ter razão é o maior perigo do amor. Quem tem razão sempre se sente no direito (e o tem) de reivindicar, de exigir justiça, eqüidade, equiparação, sem atinar que o que está sem razão talvez passe por um momento de sua vida no qual não possa ter razão. Nem queira. Ter razão é um perigo: em geral enfeia o amor, pois é invocado com justiça, mas na hora errada. Amar bonito é saber a hora de ter razão.

Ponha a mão na consciência. Você tem certeza de que está fazendo o seu amor bonito? De que está tirando do gesto, da ação, da reação, do olhar, da saudade, da alegria do encontro, da dor do desencontro a maior beleza possível? Talvez não. Cheio ou cheia de razões, você espera do amor apenas aquilo que é exigido por suas partes necessitadas, quando talvez dele devesse pouco esperar, para valorizar melhor tudo de bom que de vez em quando ele pode trazer. Quem espera mais do que isso sofre, e sofrendo deixa de amar bonito. Sofrendo, deixa de ser alegre, igual, irmão, criança. E sem soltar a criança, nenhum amor é bonito.

Não tema o romantismo. Derrube as cercas da opinião alheia. Faça coroas de margaridas e enfeite a cabeça de quem você ama. Saia cantando e olhe alegre.

Recomendam-se: encabulamentos, ser pego em flagrante gostando; não se cansar de olhar, e olhar; não atrapalhar a convivência com teorizações; adiar sempre, se possível com beijos, 'aquela conversa importante que precisamos ter'; arquivar, se possível, as reclamações pela pouca atenção recebida. Para quem ama, toda atenção é sempre pouca. Quem ama feio não sabe que pouca atenção pode ser toda a atenção possível. Quem ama bonito não gasta o tempo dessa atenção cobrando a que deixou de ter.

Não teorize sobre o amor (deixe isso para nós, pobres escritores que vemos a vida como a criança de nariz encostado na vitrina cheia de brinquedos dos nossos sonhos); não teorize sobre o amor; ame. Siga o destino dos sentimentos aqui e agora.

Não tenha medo exatamente de tudo o que você teme, como: a sinceridade; não dar certo; depois vir a sofrer (sofrerá de qualquer jeito); abrir o coração; contar a verdade do tamanho do amor que sente.

Jogue por alto todas as jogadas, estratégias, golpes, espertezas, atitudes sabidamente eficazes (não é sábio ser sabido): seja apenas você no auge de sua emoção e carência, exatamente aquele você que a vida impede de

ser. Seja você cantando desafinado, mas todas as manhãs. Falando besteira, mas criando sempre. Gaguejando flores. Sentindo coração bater como no tempo do Natal infantil. Revivendo os carinhos que intuiu em criança. Sem medo de dizer eu quero, eu gosto, eu estou com vontade. Talvez aí você consiga fazer o seu amor bonito, ou fazer bonito o seu amor, ou bonitar fazendo o seu amor, ou amar fazendo o seu amor bonito (a ordem das frases não altera o produto), sempre que ele seja a mais verdadeira expressão de tudo o que você é, e nunca: deixaram, conseguiu, soube, pôde, foi possível, ser.

Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto. Não se preocupe mais com ele e suas definições. Cuide agora da formas. Cuide da voz. Cuide da fala. Cuide do cuidado. Cuide do carinho. Cuide de você. Ame-se o suficiente para ser capaz de gostar do amor e só assim poder começar a tentar fazer o outro feliz".

(TÁVOLA, Arthur da. Para quem quer aprender a amar. In: COSTA, Dirce Maura Lucchetti et al. Estudo de texto: estrutura, mensagem, re-criação. Rio, DIMAC, 1987. P. 25-6)

Está empregada no sentido conotativo a palavra:

- a) "cercas", parágrafo 5.
- b) "escritores", parágrafo 6.
- c) "brinquedos", parágrafo 6.
- d) "manhãs", parágrafo 8.

#### 70) (UERJ-2003) O DEFEITO

Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. *O que não é problemático não é pensado.* Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entre lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra.

Você não sabe que tem olhos - o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que "pensamento é doença dos olhos". É verdade, mas nem toda. O mais certo seria "pensamento é doença do corpo".

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? (...) Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno."

(ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1995.)

*Note algo muito curioso.*

*Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder?*

As duas ocorrências do vocábulo curioso, apesar de possuírem significados ou acepções semelhantes, assumem sentidos distintos, em virtude do contexto específico em que cada uma se situa na reflexão feita pelo autor.

Estabeleça a diferença existente entre esses dois sentidos que o vocábulo apresenta.

71) (UFAC-1997) '... deixar o outro sem castigo?'. A locução sem castigo significa:

- a) inerte
- b) livre
- c) inerte
- d) são e salvo
- e) impune

#### 72) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito. (Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"Ela revelou que (...) o primo Euzébio lhe fizera mal..." Assinale a alternativa em cuja frase o verbo revelar possui sentido semelhante ao que apresenta no segmento acima.

- a) A fisionomia de Santina revelava preocupação
- b) Bento revelou-se um autêntico machista.
- c) É próprio do ser humano não querer revelar suas fantasias e deslizes.
- d) Os jornais revelam, diariamente, os principais acontecimentos.
- e) Os pais de Santina já haviam mandado revelar os filmes do casamento da filha.

73) (UFC-1997) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.

ATRIBUIR - CHAMAR - DIZER - ESCREVER - EXISTIR - FLUIR - LIDAR - MERCER - SER - TRANSFORMAR

Preencha as lacunas abaixo usando, sem repetir, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.

1. \_\_\_\_\_ (1) muitos que se (2) \_\_\_\_\_poetas, mas, na verdade, não o \_\_\_\_\_(3).  
2. Os verdadeiros poetas (4) \_\_\_\_\_ com a emoção. O que eles (5) \_\_\_\_\_(6) \_\_\_\_\_-se, com justiça, poesia.  
O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se se (7)\_\_\_\_\_ em verso. E em verso, a vida, quer alegre, quer triste, (8) \_\_\_\_\_ .  
Já aqueles outros não (9) \_\_\_\_\_ o nome de poetas que se lhes (10) \_\_\_\_\_.

74) (UFC-2001) Texto:

“O armênio começou a falar.

(...)

“Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo é tão perigoso e falaz, como estudá-los, observando-os pelo imprudente prisma do otimismo.

“O velho misantropo, o homem ressentido e odiento que por terem sido vítimas de enganos, de ingratidões e de traições, caluniam a humanidade, na turbação do espírito doente, vendo em todos e em tudo o mal, prejudicam não só a própria, mas a felicidade de quantos se deixam levar por essa prevenção sinistra que envenena e enegrece a vida.

“E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêem ou adivinham em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e aborrecer os maus, tornam-se por si mesmos, proscritos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana.

“Eis aí o que te ensinei na visão do mal.

“Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és - Exemplo.

“O mancebo generoso e inexperiente, a jovem donzela criada entre sedas, sorrisos e flores, educada santamente com as máximas de benevolência, com o mandamento do amor do próximo, e ainda mesmo aqueles velhos que nunca deixaram de ser meninos, vêem sempre a terra como céu cor-de-rosa, têm repugnância em acreditar no vício, deixam-se iludir pelas aparências, enternecer por lágrimas fingidas, arrebatam por exaltados protestos, embair por histórias preparadas, e dominar pela impostura ardilosa, e vêem por isso em todos e em tudo o bem - na prática do vício imerecido infortúnio, - no perseguido sempre um inocente, - no mal que se faz, indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é atenuação ou desculpa.

“E também esses têm no erro da sua inexperiência a sua cruel punição; porque cada dia e a cada passo tropeçam em um desengano, caem nas redes da fraude e da traição, comprometem o seu futuro, e muitas vezes colhem por fruto único da inocente e cega credulidade a desgraça de toda sua vida.

“Eis aí o que te ensinei na visão do bem.

“Dando-te a segunda luneta mágica eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do bem, tu foste o que és - Exemplo.

“Escuta ainda, mancebo.

“Na visão do mal como na visão do bem houve fundo de verdade; porque em todo homem há bem e há mal, há boas e más qualidades, e nem pode ser de outro modo, porque em sua imperfeição a natureza humana é essencialmente assim.

“Mas a primeira das tuas lunetas mágicas não te mostrou senão o mal, e a segunda te mostrou somente o bem, e para mais viva demonstração da falsidade e das funestas conseqüências de ambas as doutrinas, ou prevenções, as tuas duas lunetas exageraram.

“Ora exagerar é mentir.

“Mancebo, a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens, como os homens são.

“A imperfeição e a contingência da humanidade são as únicas idéias que podem fundamentar um juízo certo sobre todos os homens.

“Fora dessa regra não se pode formar sobre dois homens o mesmo juízo.

(...)

“Mancebo! para te levar à verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.

“Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.

“Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.

“Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.”

MACEDO, Joaquim Manoel de. A luneta mágica. São Paulo: Ática, 2001.

Escreva D ou I, conforme o significado do verbo cair nas frases abaixo seja diferente ou igual ao do mesmo verbo empregado na linha 25.

( ) Nossa moeda caiu muito nos últimos tempos.

( ) Infelizes daqueles que caírem no submundo do crime.

( ) Empresas não podem deixar a qualidade de seu produto cair.

a) D - I - D

b) D - D - I

c) D - I - I

d) I - D - I

e) I - D - D

75) (UFC-2001) Texto:

“O armênio começou a falar.

(...)

“Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo é tão perigoso e falaz, como

estudá-los, observando-os pelo imprudente prisma do otimismo.

“O velho misantropo, o homem ressentido e odiento que por terem sido vítimas de enganar, de ingratidões e de traições, caluniam a humanidade, na turbação do espírito doente, vendo em todos e em tudo o mal, prejudicam não só a própria, mas a felicidade de quantos se deixam levar por essa prevenção sinistra que envenena e enegrece a vida.

“E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêem ou adivinham em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e aborrecer os maus, tornam-se por si mesmos, proscritos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana.

“Eis aí o que te ensinei na visão do mal.

“Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és - Exemplo.

“O mancebo generoso e inexperiente, a jovem donzela criada entre sedas, sorrisos e flores, educada santamente com as máximas de benevolência, com o mandamento do amor do próximo, e ainda mesmo aqueles velhos que nunca deixaram de ser meninos, vêem sempre a terra como céu cor-de-rosa, têm repugnância em acreditar no vício, deixam-se iludir pelas aparências, enternecer por lágrimas fingidas, arrebatam por exaltados protestos, embair por histórias preparadas, e dominar pela impostura ardilosa, e vêem por isso em todos e em tudo o bem - na prática do vício imerecido infortúnio, - no perseguido sempre um inocente, - no mal que se faz, indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é atenuação ou desculpa.

“E também esses têm no erro da sua inexperiência a sua cruel punição; porque cada dia e a cada passo tropeçam em um desengano, caem nas redes da fraude e da traição, comprometem o seu futuro, e muitas vezes colhem por fruto único da inocente e cega credulidade a desgraça de toda sua vida.

“Eis aí o que te ensinei na visão do bem.

“Dando-te a segunda luneta mágica eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do bem, tu foste o que és - Exemplo.

“Escuta ainda, mancebo.

“Na visão do mal como na visão do bem houve fundo de verdade; porque em todo homem há bem e há mal, há boas e más qualidades, e nem pode ser de outro modo, porque em sua imperfeição a natureza humana é essencialmente assim.

“Mas a primeira das tuas lunetas mágicas não te mostrou senão o mal, e a segunda te mostrou somente o bem, e para mais viva demonstração da falsidade e das funestas conseqüências de ambas as doutrinas, ou prevenções, as tuas duas lunetas exageraram.

“Ora exagerar é mentir.

“Mancebo, a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens, como os homens são.

“A imperfeição e a contingência da humanidade são as únicas idéias que podem fundamentar um juízo certo sobre todos os homens.

“Fora dessa regra não se pode formar sobre dois homens o mesmo juízo.

(...)

“Mancebo! para te levar à verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.

“Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.

“Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.

“Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.”

MACEDO, Joaquim Manoel de. *A luneta mágica*.

São Paulo: Ática, 200

Marque V ou F, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma.

( ) “embair” significa enganar.

( ) “proscritos” significa desterrados, expulsos.

( ) “odiento” pode ser substituído, sem prejuízo do sentido, por odiado.

A seqüência correta é:

a) V - F - V

b) V - V - F

c) V - V - V

d) F - V - F

e) F - F - V

76) (UFC-2002) “E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêem ou adivinham em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e aborrecer os maus, tornam-se por si mesmos, proscritos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana.”

Assinale a alternativa em que todas as palavras pertencem ao mesmo campo semântico de “infecto” :

a) fedido - putrefação - contaminação

b) exalação - impotente - infecundado

c) contágio - fetologia - infrutífero

d) insípido - virulento - fúria

e) feitor - bodum - fétido

77) (UFC-2003)

01 “O armênio começou a falar.

- (...)
- 02 “Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo é tão perigoso e falaz, como estudá-los, observando-os pelo imprudente prisma do otimismo.
- 03
- 04 “O velho misantropo, o homem ressentido e odiento que por terem sido vítimas de enganos, de ingratidões e de traições, caluniam a humanidade, na turbação do espírito doente, vendo em todos e em tudo o mal, prejudicam não só a própria, mas a felicidade de quantos se deixam levar por essa prevenção sinistra que envenena e enegrece a vida.
- 05
- 06
- 07
- 08 “E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêem ou adivinham em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e aborrecer os maus, tornam-se por si mesmos, proscritos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana.
- 09
- 10
- 11
- 12 “Eis aí o que te ensinei na visão do mal.
- 13 “Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és - Exemplo.
- 14
- 15 “O mancebo generoso e inexperiente, a jovem donzela criada entre sedas, sorrisos e flores, educada santamente com as máximas de benevolência, com o mandamento do amor do próximo, e ainda mesmo aqueles velhos que nunca deixaram de ser meninos, vêem sempre a terra como céu cor-de-rosa, têm repugnância em acreditar no vício, deixam-se iludir pelas aparências, enternecer por lágrimas fingidas, arrebatam por exaltados protestos, embair por histórias preparadas, e dominar pela impostura arдилosa, e vêem por isso em todos e em tudo o bem - na prática do vício imerecido infortúnio, - no perseguido sempre um inocente, - no mal que se faz, indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é atenuação ou desculpa.
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24 “E também esses têm no erro da sua inexperiência a sua cruel punição; porque cada dia e a cada passo tropeçam em um desengano, caem nas redes da fraude e da traição, comprometem o seu futuro, e muitas vezes colhem por fruto único da inocente e cega credulidade a desgraça de toda sua vida.
- 25
- 26
- 27
- 28 “Eis aí o que te ensinei na visão do bem.
- 29 “Dando-te a segunda luneta mágica eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do bem, tu foste o que és - Exemplo.
- 30
- 31 “Escuta ainda, mancebo.
- 32 “Na visão do mal como na visão do bem houve fundo de verdade; porque em todo homem há bem e há mal, há boas e más qualidades, e nem pode ser de outro modo, porque em sua imperfeição a natureza humana é essencialmente assim.
- 33
- 34
- 35 “Mas a primeira das tuas lunetas mágicas não te mostrou senão o mal, e a segunda te mostrou somente o bem, e para mais viva demonstração da falsidade e das funestas conseqüências de ambas as doutrinas, ou prevenções, as tuas duas lunetas exageraram.
- 36
- 37
- 38 “Ora exagerar é mentir.
- 39 “Mancebo, a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens, como os homens são.
- 40
- 41 “A imperfeição e a contingência da humanidade são as únicas idéias que podem fundamentar um juízo certo sobre todos os homens.
- 42
- 43 “Fora dessa regra não se pode formar sobre dois homens o mesmo juízo.
- (...)
- 44 “Mancebo! para te levar à verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.
- 45 “Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.
- 46
- 47
- 48 “Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.
- 49 “Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.” MACEDO, Joaquim Manoel de. *A luneta mágica*. São Paulo: Ática, 2001.
- Escreva D ou I, conforme o significado do verbo cair nas frases abaixo seja diferente ou igual ao do mesmo verbo empregado na linha 25.
- ( ) Nossa moeda caiu muito nos últimos tempos.

( )	Infelizes daqueles que caírem no submundo do crime.	16.
( )	Empresas não podem deixar a qualidade de seu produto cair.	17.
		18
a) D - I - D		19
b) D - D - I		20
c) D - I - I		21
d) I - D - I		22
e) I - D - D		23
78) (UFC-2003)		24
01	“O armênio começou a falar. (...)”	25
02	“Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo é tão perigoso e falaz, como estudá-los, observando-os pelo imprudente prisma do otimismo.”	26
03		27
04	“O velho misantropo, o homem ressentido e odiento que por terem sido vítimas de enganos, de ingratidões e de traições, caluniam a humanidade, na turbação do espírito doente, vendo em todos e em tudo o mal, prejudicam não só a própria, mas a felicidade de quantos se deixam levar por essa prevenção sinistra que envenena e enegrece a vida.”	28
05		29
06		30
07		31
08	“E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêm ou adivinham em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e aborrecer os maus, tornam-se por si mesmos, proscritos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana.”	32
09		33
10		34
11		35
12	“Eis aí o que te ensinei na visão do mal.”	36
13	“Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és - Exemplo.”	37
14		38
15	“O mancebo generoso e inexperiente, a jovem donzela criada entre sedas, sorrisos e flores, educada santamente com as máximas de benevolência, com o mandamento do amor do próximo, e ainda mesmo aqueles velhos que nunca deixaram de ser meninos, vêm sempre a terra como céu cor-de-rosa, têm repugnância em acreditar no vício, deixam-se iludir pelas aparências, enternecer por lágrimas fingidas, arrebatam por exaltados protestos, embair por histórias preparadas, e dominar pela impostura ardilosa, e vêm por isso em todos e em tudo o bem - na prática do vício imerecido infortúnio, - no perseguido sempre um inocente, - no mal que se faz, indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é atenuação ou desculpa.”	39
		40
		41
		42
		43
		44
		45
		46



- 47
- 48 “Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.
- 49 “Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.”  
MACEDO, Joaquim Manoel de. *A luneta mágica*. São Paulo: Ática, 2001.
- Marque V ou F, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma.
- ( ) “embair” (linha 19) significa enganar.
- ( ) “proscritos” (linha 11) significa desterrados, expulsos.
- ( ) “odiento” (linha 4) pode ser substituído, sem prejuízo do sentido, por odiado.
- A seqüência correta é:
- a) V - F - V 16
- b) V - V - F 17
- c) V - V - V 18
- d) F - V - F 19
- e) F - F - V 20
- 21
- 22
- 23
- 79) (UFC-2003)
- 01 “O armênio começou a falar.  
(...) 16
- 02 “Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo é tão perigoso e falaz, como estudá-los, observando-os pelo imprudente prisma do otimismo. 17
- 03 26
- 04 “O velho misantropo, o homem ressentido e odiento que por terem sido vítimas de enganos, de ingratidões e de traições, caluniam a humanidade, na turbação do espírito doente, vendo em todos e em tudo o mal, prejudicam não só a própria, mas a felicidade de quantos se deixam levar por essa prevenção sinistra que envenena e enegrece a vida. 27
- 05 28
- 06 29
- 07 30
- 08 “E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêm ou adivinham em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e aborrecer os maus, tornam-se por si mesmos, proscritos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana. 31
- 09 32
- 10 33
- 11 34
- 12 “Eis aí o que te ensinei na visão do mal. 35
- 13 “Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és - Exemplo. 36
- 14 37
- 15 “O mancebo generoso e inexperiente, a jovem donzela criada entre sedas, sorrisos e flores, educada santamente com as máximas de benevolência, com o mandamento do amor do próximo, e ainda mesmo aqueles velhos que nunca deixaram de ser meninos, vêm sempre a terra como céu cor-de-rosa, têm repugnância em acreditar no vício, deixam-se iludir pelas aparências, enternecer por lágrimas fingidas, arrebatam por exaltados protestos, embair por histórias preparadas, e dominar pela impostura ardilosa, e vêm por isso em todos e em tudo o bem - na prática do vício imerecido infortúnio, - no perseguido sempre um inocente, - no mal que se faz, indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é atenuação ou desculpa. 38
- 39 “E também esses têm no erro da sua inexperiência a sua cruel punição; porque cada dia e a cada passo tropeçam em um desengano, caem nas redes da fraude e da traição, comprometem o seu futuro, e muitas vezes colhem por fruto único da inocente e cega credulidade a desgraça de toda sua vida. 39
- 40 “Eis aí o que te ensinei na visão do bem. 40
- 41 “Dando-te a segunda luneta mágica eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do bem, tu foste o que és - Exemplo. 41
- 42 “Escuta ainda, mancebo. 42
- 43 “Na visão do mal como na visão do bem houve fundo de verdade; porque em todo homem há bem e há mal, há boas e más qualidades, e nem pode ser de outro modo, porque em sua imperfeição a natureza humana é essencialmente assim. 43
- 44 “Mas a primeira das tuas lunetas mágicas não te mostrou senão o mal, e a segunda te mostrou somente o bem, e para mais viva demonstração da falsidade e das funestas conseqüências de ambas as doutrinas, ou prevenções, as tuas duas lunetas exageraram. 44
- 45 45
- 46 46
- 47 “Ora exagerar é mentir. 47
- 48 “Mancebo, a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens, como os homens são. 48
- 49 “A imperfeição e a contingência da humanidade são as únicas idéias que podem fundamentar um juízo certo 49

- sobre todos os homens.
- 42
- 43 “Fora dessa regra não se pode formar sobre dois homens o mesmo juízo.  
(...)”
- 44 “Mancebo! para te levar à verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.
- 45 “Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.
- 46
- 47
- 48 “Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.
- 49 “Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.”  
MACEDO, Joaquim Manoel de. *A Luneta mágica*. São Paulo: Ática, 2001.
- Assinale a alternativa em que o termo grifado tem o mesmo significado de **falaz** (linha 46).
- a) A felicidade do ser humano parece **fugaz**.
- b) O individualismo das pessoas é **transitório**.
- c) É **enganoso** achar que o homem sincero é feliz.
- d) Parece **ingênuo** achar que todos nascem felizes.
- e) É **absurdo** acreditar que a criação divina é única.
- 80) (UFC-2003)
- 01 “O armênio começou a falar.  
(...)”
- 02 “Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo é tão perigoso e falaz, como estudá-los, observando-os pelo imprudente prisma do otimismo.
- 03
- 04 “O velho misantropo, o homem ressentido e odiento que por terem sido vítimas de enganos, de ingratidões e de traições, caluniam a humanidade, na turbação do espírito doente, vendo em todos e em tudo o mal, prejudicam não só a própria, mas a felicidade de quantos se deixam levar por essa prevenção sinistra que envenena e enegrece a vida.
- 05
- 06
- 07
- 08 “E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêem ou adivinham em todos e em tudo; e no furor de enxergar maldades, de condenar e aborrecer os maus, tornam-se por si mesmos, proscritos da sociedade, selvagens que fogem da convivência humana.
- 09
- 10
- 11
- 12 “Eis aí o que te ensinei na visão do mal.
- 13 “Dando-te a primeira luneta mágica, eu fui o que sou -
- Lição; observando pela visão do mal, tu foste o que és - Exemplo.
- 14
- 15 “O mancebo generoso e inexperiente, a jovem donzela criada entre sedas, sorrisos e flores, educada santamente com as máximas de benevolência, com o mandamento do amor do próximo, e ainda mesmo aqueles velhos que nunca deixaram de ser meninos, vêem sempre a terra como céu cor-de-rosa, têm repugnância em acreditar no vício, deixam-se iludir pelas aparências, enternecer por lágrimas fingidas, arrebatam por exaltados protestos, embair por histórias preparadas, e dominar pela impostura ardilosa, e vêem por isso em todos e em tudo o bem - na prática do vício imerecido infortúnio, - no perseguido sempre um inocente, - no mal que se faz, indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é atenuação ou desculpa.
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24 “E também esses têm no erro da sua inexperiência a sua cruel punição; porque cada dia e a cada passo tropeçam em um desengano, caem nas redes da fraude e da traição, comprometem o seu futuro, e muitas vezes colhem por fruto único da inocente e cega credulidade a desgraça de toda sua vida.
- 25
- 26
- 27
- 28 “Eis aí o que te ensinei na visão do bem.
- 29 “Dando-te a segunda luneta mágica eu fui o que sou - Lição; observando pela visão do bem, tu foste o que és - Exemplo.
- 30
- 31 “Escuta ainda, mancebo.
- 32 “Na visão do mal como na visão do bem houve fundo de verdade; porque em todo homem há bem e há mal, há boas e más qualidades, e nem pode ser de outro modo, porque em sua imperfeição a natureza humana é essencialmente assim.
- 33
- 34
- 35 “Mas a primeira das tuas lunetas mágicas não te mostrou senão o mal, e a segunda te mostrou somente o bem, e para mais viva demonstração da falsidade e das funestas conseqüências de ambas as doutrinas, ou prevenções, as tuas duas lunetas exageraram.
- 36
- 37
- 38 “Ora exagerar é mentir.

- 39 “Mancebo, a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens, como os homens são.
- 40
- 41 “A imperfeição e a contingência da humanidade são as únicas idéias que podem fundamentar um juízo certo sobre todos os homens.
- 42
- 43 “Fora dessa regra não se pode formar sobre dois homens o mesmo juízo.  
(...)
- 44 “Mancebo! para te levar à verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.
- 45 “Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.
- 46
- 47
- 48 “Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.
- 49 “Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.”  
MACEDO, Joaquim Manoel de. *A luneta mágica*. São Paulo: Ática, 2001.

Assinale a alternativa em que todas as palavras pertencem ao mesmo campo semântico de “**infecto**” (linha 09):

- fedido - putrefação - contaminação
- exalação - impotente - infecundado
- contágio - fetologia - infrutífero
- insípido - virulento - fúria
- feitor - bodum - fétido

#### 81) (UFCE-1997) LUA NOVA

Meu novo quarto

Virado para o nascente:

Meu quarto, de novo a cavaleiro da entrada da barra.

Depois de dez anos de pátio

Volto a tomar conhecimento da aurora.

Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento das madrugadas

Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir

Hei de aprender com ele

A partir de uma vez

- Sem medo,

Sem remorso

Sem saudade.

Não pensem que estou aguardando a lua cheia

- Esse sol da demência

Vaga e noctâmbula.

O que eu mais quero,

O de que preciso

É de lua nova.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar: 1983, p. 307)

Aurélio Buarque de Holanda (1986), em seu dicionário da língua portuguesa, define:

banhar: imergir em líquido, correr por, passar em.

mênstruo: fluxo sangüíneo, menstruação. incruento: em que não houve derramamento de sangue.

Manuel Bandeira, no verso 6 de Lua Nova, diz "Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento da madrugada". Explique o sentido das metáforas usadas pelo poeta.

#### 82) (UFES-2002) O seguro é arriscado

Todos os técnicos da Seleção têm suas preferências e idiossincrasias. Scolari privilegia excessivamente os jogadores que já conhece. Dentro e fora de campo. Sente-se mais seguro. Prefere não arriscar. Daí a convocação de jogadores como Belletti, Roque Júnior, Cris, Eduardo Costa, Tinga e outros.

Nesse raciocínio, pode deixar alguns melhores de fora. O seguro é arriscado.

A Gazeta - 6/9/2001

O sentido de **idiossincrasias** (1.ª linha), no texto acima, está contemplado na alternativa:

- Os técnicos da seleção convocam os jogadores de acordo com a vontade do povo.
- Os técnicos da seleção convocam os jogadores de acordo com a vontade de cada técnico.
- Os técnicos da seleção convocam os jogadores de acordo com a vontade da mídia.
- Os técnicos da seleção convocam os jogadores de acordo com a vontade dos dirigentes.
- Os técnicos da seleção convocam os jogadores de acordo com a vontade dos patrocinadores.

83) (UFF-2001) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga parece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios* menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ?...*

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

Capítulo II, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1971, v. 1, p. 810-11.

No fragmento “O meu **fim** evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência.”, pode-se substituir a palavra sublinhada, sem alteração de sentido, por:

- limite
- momento final
- término
- objetivo
- ponto extremo

84) (UFF-2001) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga parece-me

despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios* menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ?...*

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Capítulo II, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1971, v. 1, p. 810-11.

O narrador do texto pouco aparece e menos fala, não tem amigos de longa data, e tenta, com certo humor, “atar as duas pontas da vida”, em sua narrativa.

Assinale a opção em que, através de outra linguagem - o cartum -, percebe-se um certo humor semelhante ao que constitui o texto, de Machado de Assis, sobretudo no seguinte trecho:

“Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta.”

a)



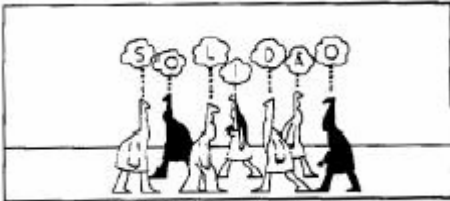
b)



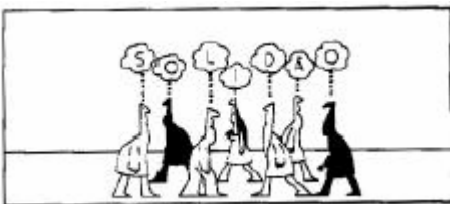
c)



d)



e)



85) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem vi o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga despreendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus". O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidias e letais emanações.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Felini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na

areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmado, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Em todas as alternativas, o significado das palavras

destacadas está corretamente identificado, EXCETO em:

- ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidias e letais emanações. (emanações = contaminações)
- ... como se a camisinha fosse (...) uma cápsula de césio com pérfidias e letais emanações. (letais = mortais)
- Eles montavam guarda num pequeno trecho de areia, caras alarmadas, pio: pungidas. (pungidas = atormentadas)
- O grupo de cidadãos (...) ali estava desde cedo, alertando pais incautos... (incautos = desavisados)

86) (UFMG-1997) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para os provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejam otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.

Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará

em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994

Em todas as passagens, o autor joga com o duplo sentido de palavras, EXCETO em:

- A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática...
- De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori (...)? De que adiantou...? O pagamento é adiantado.
- ...o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames.
- Sejamos otimistas, o senhor ficará bom. (...) O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes e ele nunca fora bom.

**87) (UFMG-1998)** Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris. Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "reção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la? Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil. Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95. Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

Em todas as alternativas, as palavras destacadas estão corretamente interpretadas, exceto em:

- (...) ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou **incólume** (...) Incólume = ileso
- (...) e a comparação não é **fortuita**. Fortuita = acidental
- (...) quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências **arbitrárias** sofrer. Arbitrárias = injustas
- O último argumento dos **propugnadores** da reforma (...) Propugnadores = defensores

**88) (UFMG-2003)** Na passagem que se segue, de *Cadernos de João*, o autor expõe uma teoria da poesia:

“No curso regular da frase pode uma palavra, uma imagem ou um movimento imprevisível assumir a força de uma aparição e iluminar subitamente toda a estrutura verbal. O que era neutro e opaco passa então a irradiar. Como se as palavras esperassem a privilegiada, portadora do elemento mágico que leva a todas a transfiguração da poesia.”

MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 11.

Todas as alternativas apresentam fragmentos de *Cadernos de João* em que o termo destacado pode ser considerado a palavra “privilegiada, portadora do elemento mágico que leva a todas a transfiguração da poesia”, EXCETO

a) O melhor momento da flecha não é o de sua inserção no alvo, mas o da trajetória entre o arco e a chegada - passeio fremente.

b) Privilegiada semente que brilhará amanhã como fruto na árvore imediate.

c) Contra a montanha, o mamute furioso da escavadeira. Algum tempo depois, cessa tudo. E deslizamos na estrada macia.

d) Nada mais aflitivo do que um rio seco e uma piscina vazia. Nada que mais relembre a vida que se foi, do que esses dois esqueletos da água.

#### 89) (UFMG-2003) ENTREVISTA COM ROBERTO DA MATTA

- Por que o caos no trânsito virou tema tão relevante para a sociedade brasileira?

- O tema é relevante porque o trânsito é uma das linguagens da sociedade democrática. Uma outra linguagem é a estabilidade monetária, ou seja, a consistência dos meios de troca. O que nós sentimos no caso brasileiro é exatamente a inconsistência do trânsito. Se você está preocupado em obedecer às suas regras, é natural que fique tenso. Afinal, você está sendo consistente, e as outras pessoas não.

- E o pedestre, como é que fica?

- Esse é um erro grave dos nossos administradores, que não costumam citar os pedestres. E o trânsito inclui necessariamente os direitos do pedestre, que obviamente estão relacionados com os daquele cidadão que, por acaso, está dentro de um automóvel. Mas, como somos uma sociedade de mentalidade hierárquica, quem está dirigindo um automóvel se sente superior a quem, por exemplo, pedala uma bicicleta, ou àquele que está a pé.

- Como funciona essa hierarquia no trânsito?

- Na realidade, eu hierarquizo o espaço público e, dentro dele, o trânsito, de acordo com os meus interesses particulares. Se, por exemplo, vou pegar um avião e estou atrasado, começo a ziguezaguear na frente dos outros carros, porque as pessoas devem compreender, obviamente, que eu estou com pressa. Falta ao motorista que pensa assim um componente importante em qualquer democracia, que é a agenda. Se você precisa chegar ao aeroporto a uma determinada hora, tem que se programar e não, pôr em risco a sua vida e a dos outros.

- O senhor examina o trânsito como “fato social total”. O que significa isso?

- Significa, por exemplo, que o novo Código Nacional de Trânsito, quando da sua entrada em vigor, deveria ser acompanhado de debates, discussões, seminários que envolvessem esses aspectos em que estamos tocando agora. Uma das questões fundamentais do trânsito é que ele coloca, de forma muito nítida, a questão da igualdade. Ninguém pode ter privilégio. Qualquer tipo de veículo tem que obedecer ao sinal. Se muitas pessoas não respeitam as regras do trânsito, o caos está instalado. ... a subversão total da ordem pública.

- Qual é a simbologia da rua para o brasileiro?

- No Brasil, a rua é negativa em relação à casa. ... o mundo da competição, do salve-se-quem-puder, é o lugar onde você pode ser assaltado, ou morrer. Então, você já sai de casa prevendo que alguma coisa ruim vai acontecer. O motorista fica agressivo. E, no Brasil, também se criou o mito de que o bom motorista é o agressivo, o esperto. Nesse ponto, entra o outro mito brasileiro, que é o da malandragem: se o sinal fechou em cima de mim, eu vou furar; se a estrada está entupida, vou pelo acostamento ou corto os outros carros, porque eu não sou trouxa. A agressividade passa a ser uma moeda, um valor, porque o trânsito coloca para todo brasileiro uma condição fundamental: viver num mundo hierarquizado e, de repente, se defrontar com uma igualdade inapelável.

- Essa pode ser, então, a chave para se entenderem os problemas do trânsito no Brasil e em toda a América Latina?

- Exatamente. São sociedades de formação hierárquica. No caso do Brasil, isso é ainda mais patente, porque nós tivemos um rei e dois imperadores. A hierarquia era moeda corrente. Tínhamos barões, duques, condes. Quem se destacava na sociedade recebia um título. Era uma sociedade mais coerente do que a de hoje, porque a regra da igualdade não era suscitada como valor. Hoje você tem, praticamente, uma competição entre a mentalidade hierárquica e uma outra igualitária, que ainda estamos conquistando. ... por isso que o trânsito deve ser estudado como uma questão democrática, porque, pela sua própria estrutura, ele tem que ser igualitário. Imagine, por exemplo, se os sinais de trânsito ficassem permanentemente abertos só para carros de luxo. Isso é impensável.

- No país do *sabe com quem está falando?*, o problema se complica...

- O *sabe com quem está falando?* é usado justamente nesses ambientes de igualdade, por quem não quer obedecer às regras. E o mais grave é que a escola no Brasil não conscientiza os alunos para o mundo público, que é de todo mundo e não é de ninguém. O grande pacto que está faltando no Brasil é o de as autoridades dizerem não a elas mesmas.

- A falta de credibilidade de quem pune é outro complicador?

- .... O que nós internalizamos, até agora, foram as regras da desigualdade.  
- Mas, afinal, como estamos? Há melhoras em relação a esse aspecto?  
- Eu tenho sentido uma melhora muito grande. Aqui na minha área, onde eu dirijo, vejo as pessoas muito mais obedientes às regras. ... por isso que a gritaria aumentou. Há mais pessoas se sentindo mal com a desobediência dos outros. O comportamento *bandalha* É cada vez mais odiado.  
TABAK, Israel. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 ago. 2000. p.12. (Trecho adaptado)

Em todos os seguintes trechos, a palavra ou expressão destacada pode ser substituída pelo termo entre colchetes, sem se alterar o sentido original do texto, EXCETO em

- a) Quem se destacava na sociedade recebia um título. [UMA HONRARIA]  
b) ... viver num mundo hierarquizado e, de repente, se defrontar com uma igualdade inapelável. [IMPLACÁVEL]  
c) Falta ao motorista [...] um componente importante em qualquer democracia, que é a agenda. [A RESPONSABILIDADE]  
d) O tema é relevante porque o trânsito é uma das linguagens da sociedade democrática. [IMPORTANTE]

### 90) (UFMG-2005) NÃO SABEMOS O QUE COMEMOS

A introdução, entre os alimentos do homem ou de animais de criação, de organismos geneticamente modificados ou produtos que contêm tais organismos vem gerando questionamentos em relação a vários aspectos. Do ponto de vista cultural, essa alteração vem acentuar um problema: o mal-estar da alimentação, causado pela perda do controle sobre o que comemos e pela sensação de artificialidade no alimento. Os alimentos transgênicos, ou seja, que contêm produtos ou subprodutos de organismos geneticamente modificados, constituem uma das mais recentes alterações introduzidas na alimentação. As empresas de biotecnologia ampliaram seu controle do mercado da alimentação humana animal por meio da invenção de novos organismos vivos, plantas e/ou animais - produtos artificiais da combinação de genes de espécies distintas. A tecnologia de manipulação genética de espécies animais e vegetais para fins industriais, medicinais ou alimentares certamente pode ter usos adequados, com uma potencialidade imensa ainda desconhecida. No entanto o uso atual dos transgênicos na agricultura tem trazido a marca de uma expansão precipitada, levando ao temor global de uma decomposição ainda maior na qualidade da alimentação humana. As conseqüências da disseminação de produtos transgênicos no mercado têm várias dimensões. Do ponto de vista histórico, a maior transformação na forma como a humanidade se alimenta ocorreu na revolução neolítica, quando surgiu a agricultura. Desde então, as técnicas agrícolas, em especial o saber dos agricultores sobre as sementes e a forma de

selecionar as melhores para o replantio, estiveram na base da produção de alimentos. A segunda maior transformação, produto do intercâmbio moderno de gêneros entre os continentes, seguido da industrialização, permitiu uma globalização do saber arcaico sobre a domesticação das plantas alimentícias, levando as especiarias e várias espécies vegetais a tornarem-se peças-chaves no mercado mundial moderno. Atualmente, a adoção de sementes transgênicas que geram plantas com grãos infecundos ameaça a autonomia dos produtores agrícolas sobre as sementes, tornando-os inteiramente dependentes de grandes fornecedores de fertilizantes, agrotóxicos e das próprias sementes. O direito de propriedade estende-se a organismos vivos, mercantilizando a vida. Essa agricultura subordinada a empresas transnacionais de *agrobusiness* expropria os saberes etnobotânicos e etnoagrícolas, destrói os pequenos produtores, inviabiliza a reforma agrária, interfere no equilíbrio ecológico e concentra a renda. A produtividade agrícola ampliada, nas condições da competitividade do mercado oligopolizado, vem levando a um fenômeno paradoxal: mais agricultura para animais do que para seres humanos. Como já ocorreu com o milho, a pressão pelo aumento da produção de soja decorre principalmente da sua utilização em ração para gado de corte. Esse modelo alimentar de carne produzida cada vez em maior quantidade e a um custo sempre reduzido provocou desastres na indústria alimentar. Confinamento, abuso de hormônios e antibióticos e, no caso específico da vaca louca, rações com restos de animais para herbívoros criaram a pior doença veterinária do final do século 20, obrigando os pecuaristas a abater rebanhos inteiros. Os organismos geneticamente manipulados, usados na indústria alimentar, trazem questionamentos quanto à plena segurança, à contaminação e à diminuição da diversidade genética e ainda em relação à intensificação da dependência econômica dos países pobres diante de empresas transnacionais que, ao obter patentes biológicas, ampliaram o âmbito da propriedade privada. Do ponto de vista cultural, há outro aspecto menos evidenciado. Os transgênicos reforçam uma alimentação e uma cultura alimentar mais heteronômica. Sabe-se e controla-se cada vez menos o que se está comendo. A sombria previsão da ficção de que pílulas substituiriam a comida ainda não aconteceu. Embora haja uso crescente de pílulas de vitaminas ou suplementos alimentares, estas não se tornaram a forma predominante de se alimentar, mas a natureza sintética do que comemos torna-se cada vez mais dominante. A industrialização produziu um resultado ambíguo, ampliando as capacidades de produção e tornando global o intercâmbio de produtos, mas retirou a autonomia que as sociedades agrárias tinham para produzir e identificar o alimento na sua gênese. O que ocorre com os transgênicos não é apenas a artificialidade química, mas também a biológica. Os híbridos produzidos remetem a velhos pesadelos do imaginário contemporâneo sobre os riscos da ciência. Isso evidencia



apenas um aspecto da importância crescente do “biopoder”. A engenharia genética poderá criar espécies de plantas e animais. Resta saber se as diferenças genéticas entre as populações humanas não podem intensificar-se e ser manipuladas para fins de suposta eugenia e predomínio racial, para não falarmos da criação de seres híbridos, com resultados imprevisíveis na biosfera.

CARNEIRO, H. S. Não sabemos o que comemos. *Ciência Hoje*, v. 34, n. 203, abr. 2004. p. 40-42. (Texto adaptado)

Assinale a alternativa em que a palavra destacada pode ser substituída pela palavra entre colchetes, sem que se altere o sentido original no texto.

- a) ... alimentação [...] **heteronômica**. (linhas 57-58) [= DIVERSIFICADA]
- b) ... fenômeno **paradoxal**!... (linha 40) [= AMBÍGUO]
- c) ... mercado **oligopolizado**... (linha 40) [= CONTROLADO POR POUCOS]
- d) ... saberes [...] **etnoagrícolas**... (linha 36) [= PRÓPRIOS DE UM POVO]

### 91) (UFPB-2006) TEXTO

Herbarium

Todas as manhãs eu pegava o cesto e me embrenhava no bosque, tremendo inteira de paixão quando descobria alguma folha rara. Era medrosa mas arriscava pés e mãos por entre espinhos, formigueiros e buracos de bichos (tatu? cobra?) procurando a folha mais difícil, aquela que ele examinaria demoradamente: a escolhida ia para o álbum de capa preta. Mais tarde, fazia parte do herbário, tinha em casa um herbário com quase duas mil espécies de plantas. “Você já viu um herbário?” - ele quis saber. *Herbarium*, ensinou-me logo no primeiro dia em que chegou ao sítio. Fiquei repetindo a palavra, *herbarium*. *Herbarium*. (...)

Um vago primo botânico convalescendo de uma vaga doença. (...) Qual doença tinha ele? Tia Marita, que era alegriinha e gostava de se pintar, respondeu rindo (falava rindo) que nossos chazinhos e bons ares faziam milagres. Tia Clotilde, embutida, reticente, deu aquela sua resposta que servia a qualquer tipo de pergunta: tudo na vida podia se alterar menos o destino traçado na mão, ela sabia ler as mãos. “Vai dormir feito uma pedra.” - cochichou tia Marita quando me pediu que lhe levasse o chá de tília. Encontrei-o recostado na poltrona, a manta de xadrez cobrindo-lhe as pernas. Aspirou o chá. E me olhou: “Quer ser minha assistente?” - perguntou soprando a fumaça. “A insônia me pegou pelo pé, ando tão fora de forma, preciso que me ajude. A tarefa é colher folhas para a minha coleção, vai juntando o que bem entender que depois seleciono. Por enquanto, não posso mexer muito, terá que ir sozinha” -

disse e desviou o olhar úmido para a folha que boiava na xícara. (...)

Eu mentia sempre, com ou sem motivo. (...) Mas aos poucos, diante dele, minha mentira começou a ser dirigida, com um objetivo certo. Seria mais simples, por exemplo, dizer que colhi a bétula perto do córrego, onde estava o espinheiro. Mas era preciso fazer render o instante em que se detinha em mim, ocupá-lo antes de ser posta de lado como as folhas sem interesse, amontoadas no cesto. Então ramificava perigos, exagerava dificuldades, inventava histórias que encompridavam a mentira. Até ser decepada com um rápido golpe de olhar, não com palavras, mas com o olhar ele fazia a hidra verde rolar emudecida enquanto minha cara se tingia de vermelho - o sangue da hidra. (...) Nas cartas do baralho, tia Clotilde já lhe desvendara o passado e o presente. (...) O que ela previu? Ora, tanta coisa. De mais importante, só isso, que no fim da semana viria uma amiga buscá-lo, uma moça muito bonita, podia ver até a cor do seu vestido de corte antiquado, verde-musgo. Os cabelos eram compridos, com reflexos de cobre, tão forte o reflexo na palma da mão! (...) Fugi para o campo, os olhos desvairados de pimenta e sal, sal na boca, não, não vinha ninguém, tudo loucura, uma louca varrida essa tia, invenção dela, invenção pura, como podia? (...) Lavei os olhos cegos de dor, lavei a boca pesada de lágrimas, os últimos fiapos de unhas me queimando a língua, não! Não. Não existia ninguém de cabelo de cobre que no fim de semana ia aparecer para buscá-lo, ele não ia embora nunca mais, NUNCA MAIS! (...)

Quando lhe entreguei a folha de hera com formato de coração (um coração de nervuras trementes se abrindo em leque até as bordas verde-azuladas) ele beijou a folha e levou-a ao peito. Espetou-a na malha do suéter: “Esta vai ser guardada aqui.” Mas não me olhou nem mesmo quando eu saí tropeçando no cesto. Corri até a figueira, posto de observação onde podia ver sem ser vista. Através do rendilhado de ferro do corrimão da escada, ele me pareceu menos pálido. A pele mais seca e mais firme a mão que segurava a lupa sobre a lâmina do espinho-do-brejo. Estava se recuperando, não estava? Abracei o tronco da figueira e pela primeira vez senti que abraçava Deus.

No sábado, levantei mais cedo. O sol forcejava a névoa, o dia seria azul quando ele conseguisse rompê-la. (...) Corri até o córrego. (...) Salvei uma abelhinha das mandíbulas de uma aranha, permiti que a saúva-gigante arrebatasse a aranha e a levasse na cabeça como uma trouxa de roupa esperneando mas recuei quando apareceu o besouro de lábio leporino. Por um instante me vi refletida em seus olhos facetados. Fez meia-volta e se escondeu no fundo da fresta. Levantei a pedra: o besouro tinha desaparecido mas no tufo raso vi uma folha que nunca encontrara antes, única. Solitária. Mas que folha era aquela? Tinha a forma aguda de uma foice, o verde do dorso com pintas vermelhas irregulares como pingos de sangue. Uma pequena foice ensangüentada - foi no que se transformou o besouro? Escondi a folha no bolso, peça principal de um

jogo confuso. Essa eu não juntaria às outras folhas, essa tinha que ficar comigo, segredo que não podia ser visto. Nem tocado. Tia Clotilde previa os destinos mas eu podia modificá-los, assim, assim! e desfiz na sola do sapato o cupim que se armava debaixo da amendoeira. Fui andando solene porque no bolso onde levava o amor levava agora a morte.

Tia Marita veio ao meu encontro, mais aflita e gaguejante do que de costume. Antes de falar já começou a rir: “Acho que vamos perder nosso botânico, sabe quem chegou? A amiga, a mesma moça que Clotilde viu na mão dele, lembra? Os dois vão embora no trem da tarde, ela é linda como os amores, bem que Clotilde viu uma moça igualzinha, estou toda arrepiada, olha aí, me pergunto como a mana adivinha uma coisa dessas!” (...)

Fui me aproximando da janela. Através do vidro (poderoso como a lupa) vi os dois. Ela sentada com o álbum provisório de folhas no colo. Ele, de pé e um pouco atrás da cadeira, acariciando-lhe o pescoço e seu olhar era o mesmo que tinha para as folhas escolhidas, a mesma leveza de dedos indo e vindo no veludo da malva-maçã. (...) Quando me viu, veio até a varanda no seu andar calmo. Mas vacilou quando disse que esse era nosso último cesto, por acaso não tinham me avisado? O chamado era urgente, teriam que voltar nessa tarde. Sentia perder tão devotada ajudadora mas um dia, quem sabe?... Precisaria perguntar à tia Clotilde em que linha do destino aconteciam os reencontros.

Estendi-lhe o cesto mas ao invés de segurar o cesto, segurou meu pulso: eu estava escondendo alguma coisa, não estava? O que estava escondendo, o quê? Tentei me livrar fugindo para os lados, aos arrancos, não estou escondendo nada, me larga! Ele me soltou mas continuou ali, de pé, sem tirar os olhos de mim. Encolhi quando me tocou no braço: “e o nosso trato de só dizer a verdade? Hem? Esqueceu nosso trato?” - perguntou baixinho. Enfiei a mão no bolso e apertei a folha, intacta à umidade pegajosa da ponta aguda, onde se concentravam as nódoas. Ele esperava. Eu quis então arrancar a toalha de crochê da mesinha, cobrir com ela a cabeça e fazer micagens, hi hi! hu hu! Até vê-lo rir pelos buracos da malha, quis pular da escada e sair correndo em ziguezague até o córrego, me vi atirando a foice na água, que sumisse na correnteza! Fui levantando a cabeça. Ele continuava esperando, e então? No fundo da sala, a moça também esperava numa névoa de ouro, tinha rompido o sol. Encarei-o pela última vez, sem remorso, quer mesmo? Entreguei-lhe a folha.

(TELLES, Lygia Fagundes. Oito contos de amor. São Paulo: Ática, 2003, p. 42-49).

Numere a segunda coluna, considerando o sentido que cada palavra ou expressão da primeira coluna adquire no conto *Herbarium*.

- (1) *sangue da hidra* (linha 23) ( ) refúgio  
 (2) *olhos desvairados de pimenta e sal* (linhas 27-28) ( ) ciúme  
 (3) *folha de hera com formato de coração* (linha 32) ( ) rubor  
 (4) *figueira* (linha 35) ( ) amor  
 (5) *besouro de lábio leporino* (linha 42);

A seqüência numérica correta é:

- a) 1432  
 b) 5341  
 c) 4351  
 d) 4132  
 e) 4213  
 f) 2134

## 92) (UFSC-2005) Texto 1

### Mas, afinal, o que é língua padrão?

Já sabemos que as línguas são um conjunto bastante variado de formas lingüísticas, cada uma delas com a sua gramática, a sua organização estrutural. Do ponto de vista científico, não há como dizer que uma forma lingüística é melhor que outra, a não ser que a gente se esqueça da ciência e adote o preconceito ou o gosto pessoal como critério.

Entretanto, é fato que há uma diferença valorativa, que nasce não da diferença desta ou daquela forma em si, mas do significado social que certas formas lingüísticas adquirem nas sociedades. Mesmo que nunca tenhamos pensado objetivamente a respeito, nós sabemos (ou procuramos saber o tempo todo) o que é e o que não é permitido... Nós costumamos “medir nossas palavras”, entre outras razões, porque nosso ouvinte vai julgar não somente o que se diz, mas também quem diz. E a linguagem é altamente reveladora: ela não transmite só informações neutras; revela também nossa classe social, a região de onde viemos, o nosso ponto de vista, a nossa escolaridade, a nossa intenção... Nesse sentido, a linguagem também é um índice de poder. Assim, na rede das linguagens de uma dada sociedade, a língua padrão ocupa um espaço privilegiado: ela é o conjunto de formas consideradas como o modo correto, socialmente aceitável, de falar ou escrever.

FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 30.

### Texto 2

CUITELINHO\*

Cheguei na bera do porto  
onde as onda se espaia.  
As garça dá meia volta,  
senta na bera da praia.  
E o cuitelinho não gosta  
que o botão de rosa caia.

Quando eu vim de minha terra,  
despedi da parentaia.  
Eu entrei no Mato Grosso,  
dei em terras paraguaia.  
Lá tinha revolução,  
enfrentei fortes bataia.

A tua saudade corta  
como aço de navaia.  
O coração fica aflito,  
bate uma, a outra faia.  
E os oio se enche d'água  
que até a vista se atrapaia.

\*Cuitelinho - pequeno cuitelo ou beija-flor  
(Cantiga popular brasileira de Paulo Vanzolin)

### Texto 3

Domingo à tarde, o político vê um pro-grama de televisão.  
Um assessor passa por ele e pergunta:

Firme?

O político responde:

Não. Sírvio Santos.

POSSENTI, Sírvio. *Os humores da língua*. Campinas:  
Mercado de Letras, 1998, p. 34

Considerando o livro de Dias Gomes *Sucupira, ame-a ou deixe-a*, e, ainda, os Textos 1, 2 e 3, é **CORRETO** afirmar que:

01. as diferentes variedades da língua, ilustradas nos Textos 1, 2 e 3, podem também ser observadas nas falas dos personagens de Dias Gomes, caracterizando diversos tipos, como o prefeito Odorico Paraguaçu: “Faça assentamento dos prós e dos contraprós” (p. 44), e o (ex)jagunço Zeca Diabo: “eu tou um burro véio” (p. 21), por exemplo.

02. o recurso estilístico da retórica com o significado de “adorno empolado ou pomposo de um discurso” (cf. *Aurélio*) pode ser observado na fala de diversos personagens de Dias Gomes, com exceção de Odorico Paraguaçu.

04. a fala de Odorico Paraguaçu apresenta, em grande escala, o uso de neologismos, que são possíveis, considerando o processo de derivação lingüística, como nos exemplos: “descompetente” e “desinaugurado”, para

indicar negação. O mesmo processo pode ser encontrado em formas já reconhecidas, como **descontente** e **descuidado**.

08. no trecho *a linguagem também é um índice de poder* (linhas 27 e 28 do Texto 1), o uso da palavra *também* faz pressupor algum outro significado, além do fato de que o valor dado às diferentes formas lingüísticas vai depender da importância de quem as utiliza.

16. na cantiga Cuitelinho (Texto 2), sobrepõem-se, ao significado denotativo de um termo, significados paralelos, como pode ser ilustrado nos versos: *A tua saudade corta/como aço de navaia* (linhas 13 e 14).

### 93) (UFSCar-2001) Lisbon Revisited

Não: não quero nada,

Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!)

Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.

Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?

Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

Assim, como sou, tenham paciência!

Vão para o diabo sem mim,

Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!

Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul - o mesmo da minha infância -

Eterna verdade vazia e perfeita!

Ó macio Tejo ancestral e mudo,

Pequena verdade onde o céu se reflete!

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...  
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

(PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981, p. 290-1.)

A forma verbal macem, destacada no poema, significa

- a) desprezem.
- b) importunem.
- c) ofendam.
- d) maltratam.
- e) abandonem.

94) (UFSCar-2003) Para responder à questão abaixo, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus”. Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d’água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela ria contente, diria a gemer: “precisava não, moço bonito...” E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

Assinale a alternativa que contém um trecho em que o autor apresenta as informações numa linguagem altamente conotativa.

- a) ... soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib ...
- b) Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina...
- c) Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão ...
- d) Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.
- e) Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.

95) (UFSCar-2004) O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. (...) Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra não-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra não-de dizer subiu. Basta que não tenhamos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas não-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras.

(Vieira, Sermão da Sexagésima.)

No texto, a palavra labor pode ser entendida como

- a) ornamento.
- b) aplauso.
- c) glorificação.
- d) obscuridade.
- e) obséquio.

96) (UFSCar-2005) A Unidade Ortográfica Velhíssima questão a da unidade ortográfica do português usado no Brasil e em Portugal. Que a prosódia seja diferente, é natural. Num país imenso como o nosso, há diversas formas de pronunciar as palavras, e o próprio vocabulário admite expressões regionais - o mesmo acontecendo com todas as línguas do mundo. O diabo é a grafia, sobre a qual os portugueses não abrem mão de escrever “director”, por exemplo. Não é o mesmo caso de “facto” e “fato”, que têm significações diferentes e, com boa vontade, podemos compreender a insistência dos portugueses em se referir à roupa e ao acontecimento.

Arnaldo Niskier, quando presidente da Academia Brasileira de Letras, conseguiu acordo com a Academia de Ciências de Lisboa, assinaram-se tratados com a aprovação dos governos do Brasil e de Portugal. O acordo previa o consenso de todos os países lusófonos. Na época, somente os dois principais interessados estavam em condições de obter um projeto comum - mais tarde, Cabo Verde também toparia. Numa das últimas sessões da ABL, Sérgio Paulo Rouanet, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara trouxeram o problema ao plenário - um dos temas recorrentes da instituição é a feitura definitiva do vocabulário a ser adotado por todos os países de expressão portuguesa. (...) Cristão-novo nesta questão, acredito que não será para os meus dias a solução para a nossa unidade ortográfica.

(Carlos Heitor Cony. Folha de S.Paulo, 10.08.2004.)

A palavra *recorrente*, no penúltimo parágrafo do texto, tem o sentido de

- a) requerer

- b) socorrer
- c) desentender-se
- d) retornar
- e) vencer

97) (UFSCar-2005) A Unidade Ortográfica Velhíssima questão a da unidade ortográfica do português usado no Brasil e em Portugal. Que a prosódia seja diferente, é natural. Num país imenso como o nosso, há diversas formas de pronunciar as palavras, e o próprio vocabulário admite expressões regionais - o mesmo acontecendo com todas as línguas do mundo. O diabo é a grafia, sobre a qual os portugueses não abrem mão de escrever “director”, por exemplo. Não é o mesmo caso de “facto” e “fato”, que têm significações diferentes e, com boa vontade, podemos compreender a insistência dos portugueses em se referir à roupa e ao acontecimento.

Arnaldo Niskier, quando presidente da Academia Brasileira de Letras, conseguiu acordo com a Academia de Ciências de Lisboa, assinaram-se tratados com a aprovação dos governos do Brasil e de Portugal. O acordo previa o consenso de todos os países lusófonos. Na época, somente os dois principais interessados estavam em condições de obter um projeto comum - mais tarde, Cabo Verde também toparia. Numa das últimas sessões da ABL, Sérgio Paulo Rouanet, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara trouxeram o problema ao plenário - um dos temas recorrentes da instituição é a feitura definitiva do vocabulário a ser adotado por todos os países de expressão portuguesa. (...) Cristão-novo nesta questão, acredito que não será para os meus dias a solução para a nossa unidade ortográfica. (Carlos Heitor Cony. Folha de S.Paulo, 10.08.2004.)

Assinale a alternativa que, no texto, apresenta a palavra ou expressão em *itálico* em uso figurado:

- a) Não é o mesmo caso de “facto” e “**fato**”, que têm significações diferentes ( ... )
- b) ( ... ) com **boa vontade**, podemos compreender a insistência dos portugueses ( ... )
- c) ( ... ) um dos temas recorrentes da instituição é a feitura definitiva do **vocabulário** ( ... )
- d) **Cristão-novo** nesta questão ( ... )
- e) Num **país** imenso como o nosso ( ... )

98) (UFSCar-2007) O valor do futuro depende do que se pode esperar dele. Portanto: se você acredita de fato em alguma forma de existência post mortem determinada pelo que fizemos em vida, então todo cuidado é pouco: os juro prospectivos são infinitos. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz na vida mortal sem pôr em risco as incomensuráveis graças do porvir. Se você acredita, ao contrário, que a morte é o fim definitivo de tudo, então o valor do intervalo finito de duração indefinida da vida tal como a conhecemos aumenta. Ela é tudo o que nos resta, e o único desafio é fazer dela o melhor de que somos capazes. E, finalmente, se você duvida de qualquer

conclusão humana sobre o após-a-morte e sua relação com a vida terrena, então você contesta o dogmatismo das crenças estabelecidas, não abdica da busca de um sentido transcendente para o mistério de existir e mantém uma janelinha aberta e bem arejada para o além. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz da vida que conhecemos, mas sem descartar nenhuma hipótese, nem sequer a de que ela possa ser, de fato, tudo o que nos é dado para sempre.

(Eduardo Giannetti, O valor do amanhã, p. 123.)

Assinale a alternativa em que o autor faz uso de sentido não-literal.

- a) “(...) todo cuidado é pouco (...)”
- b) “os juro prospectivos são infinitos.”
- c) “O desafio é fazer o melhor (...)”
- d) “(...) a morte é o fim definitivo de tudo (...)”
- e) “Se você duvida de qualquer conclusão (...)”

99) (UFV-2005)



“Que mania de amargurar a vida dos outros!”

A alternativa abaixo que melhor traduz o sentido do verbo “amargurar” é:

- a) Que mania de prejudicar a vida dos outros!
- b) Que mania de atrapalhar a vida dos outros!
- c) Que mania de angustiar a vida dos outros!
- d) Que mania de comentar a vida dos outros!
- e) Que mania de ameaçar a vida dos outros!

100) (UFV-2005) Tróia

Na imaginação dos gregos, o destino do mundo foi decidido diante das muralhas de Tróia. Até os deuses desceram do Olimpo e derramaram seu sangue na tentativa de defender ou arrasar a cidadela do rei Príamo. Como nós fazemos hoje com o nascimento de Cristo, a história humana passou a ser medida em anos antes e depois da Guerra de Tróia. Aquiles, Heitor, Ulisses, Enéias viraram a medida do que é ser um herói, os nomes que toda criança aprende a admirar e imitar. Claro, não há a menor garantia de que esses sujeitos tenham existido, muito menos a linda Helena, o sedutor Páris ou o marido traído Menelau. No entanto, cada vez mais fica claro que algo grande realmente aconteceu naquela esquina da Europa com a Ásia, onde hoje está a Turquia - talvez o estopim de uma explosão que pôs fim ao mundo como os povos antigos o conheceram por milênios e deu origem ao mundo no qual vivemos. Uns 50 anos

depois que Tróia caiu, praticamente todas as grandes cidades na orla do Mediterrâneo oriental ou tinham virado cinza ou passavam pelo pior aperto da história. [...] Há quem diga que a catástrofe tenha sido mais marcante que a queda de Roma. O que sobrou no lugar continha, entre escombros, as sementes das idéias que formaram nossa civilização [...].

A Lenda - Reconstruir a guerra depois de 3200 anos (ela deve ter acontecido no fim do século 13 a. C.) é tarefa para semideuses. Melhor avisar logo: não se sabe o que aconteceu lá. A Ilíada de Homero, um dos grandes livros de história, no qual foi baseada a superprodução Tróia, que estréia no cinema este mês, não ajuda muito. Homero, se é que existiu, nem viu o conflito. Ele teria composto a Ilíada e a Odisséia mais de 400 anos depois dos combates, baseando-se em relatos orais. Ou seja: a Ilíada não é um documento histórico confiável - além de se limitar a 40 ou 50 dias de um conflito de dez anos. Para benefício de quem não está com pique para encarar os milhares de versos da Ilíada, aqui vai um resumo. Tudo começa no casamento do herói Peleu com a deusa Tétis, ao qual compareceram em peso as divindades do Olimpo. Éris, a deusa da discórdia, foi à festa com uma fruta de ouro que levava a inscrição 'à mais bela'. Instaurou-se a ciúmeira entre as três principais deusas: Afrodite (do amor), Atena (da sabedoria e da guerra) e Hera (a mulher do chefe Zeus). Todas queriam a fruta e acabaram escolhendo como juiz um mortal, o pastor troiano Alexandre, que tinha fama de honesto. O trio tentou subornar o coitado. Hera lhe ofereceu o domínio sobre a Ásia, Atena prometeu sabedoria e Afrodite, o amor da mulher mais bela do mundo. Alexandre, que não era bobo, escolheu esta última e conquistou o coração da sensacional Helena. Ganhou também o ódio das duas poderosas preteridas, que infernizaram sua vida. Outro problema: Helena era casada. E casada com um rei, Menelau, de Esparta. Alexandre, que descobriu ser o filho desaparecido de Príamo, rei de Tróia, e adotou o nome de Páris, deu um jeito de visitar Menelau e, quando o marido saiu do palácio por uns dias, convenceu Helena a fugir com ele. Acontece que Helena tinha sido a mulher mais disputada da Grécia. Antes que seu pai decidisse com qual homem ela iria casar, todos os nobres que a cortejavam juraram proteger a honra dela e de seu marido, fosse ele quem fosse. Menelau e seu irmão, o poderoso Agamêmnon, rei de Micenas, inflamados pelas deusas ciumentas, se aproveitaram do juramento para arrastar os gregos para a briga. Todos os gregos. Assim começou a guerra. Depois de uma década de cerco e da morte de muitos heróis, Tróia parecia inexpugnável. Aí os gregos deixaram um cavalo de madeira às portas da cidade, que os troianos aceitaram como uma promessa de paz. Dentro do cavalo, estavam os melhores guerreiros gregos, que abriram os portões da cidade. Os troianos foram massacrados. Óbvio que a história não é 100% verdadeira. Ainda assim, há alguma verdade nela. Parece que o autor que compôs o texto estava em contato com tradições orais que vinham desde a época da guerra. O

poema menciona capacetes feitos com presas de javali e escudos com a forma de número 8. A arqueologia mostrou que os gregos do tempo da guerra realmente usavam esses instrumentos, já abandonados na época de Homero. Mas a Ilíada mistura esses acertos com referências à cremação e ao uso do ferro, inexistentes entre os gregos de 1200 a. C.

De quebra, apesar de três grandes escavações no local onde ficava Tróia, uma das quais em curso enquanto você lê este texto, só foi achado na cidade um mísero documento - e não é dos mais esclarecedores, já que a inscrição se limita a dois nomes de pessoa. O jeito é comer pelas beiradas, usando cada caco de informação confiável das regiões vizinhas para entender o mundo em que Tróia se encaixava.

(Texto adaptado. LOPES, Reinaldo José. Tróia.

SuperInteressante. São Paulo, maio 2004. p.47.)

“[...] só foi achado na cidade um mísero documento - e não é dos mais esclarecedores [...]” (§8) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado apresenta significado DISTINTO daquele proposto no fragmento acima:

- Só, estende os braços e não encontra qualquer tipo de apoio.
- Nunca escolha uma profissão só pelas vantagens econômicas.
- De todas as leituras, ele só conseguiu fazer uma delas.
- Trabalharão naquele prédio só secretárias.
- Embora tenha só 33 anos, é uma ótima profissional.

101) (Unicamp-2001) Veja e leia a tira abaixo, publicada no Caderno Imóveis, da Folha de S. Paulo de 06/08/2000:



- Para apreender o humor dessa tira, o leitor deve compartilhar com o autor de uma opinião, não necessariamente correta, sobre características associadas à arquitetura. Que características são essas?
- A tira leva à conclusão de que Pequeno Castor é um sonhador. Dê dois sentidos de “sonhador” e explique como cada um deles pode se relacionar com a escolha profissional anunciada por Pequeno Castor.

102) (Unicamp-2003) Uma das últimas edições do Jornal Visão de Barão Geraldo trazia em sua seção “Sorria” esta anedota:

No meio de uma visita de rotina, o presidente daquela enorme empresa chega ao setor de produção e pergunta ao encarregado:

- Quantos funcionários trabalham neste setor?

Depois de pensar por alguns segundos, o encarregado responde:

- Mais ou menos a metade!

a) Explique o que quis perguntar o presidente da empresa.

b) Explique o que respondeu o encarregado.

c) Um dos sentidos de trabalhar é 'estar empregado'.

Supondo que o encarregado entendesse a fala do presidente da empresa nesse sentido e quisesse dar uma resposta correta, que resposta teria que dar?

103) (Unicamp-2003) Leia atentamente o folheto (distribuído nos pontos de ônibus e feiras de Campinas), e as definições de "simpatia" extraídas do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.



**Centro Espírita Vovó Maria Conga Mãe Maria**

Ensina qualquer tipo de simpatia, pois com uma única consulta, ela desvendará todos os mistérios que lhe atormenta: casos amorosos, financeiros, prosperidade em seu trabalho, vícios, doenças, impotência sexual, problemas de família e perseguições. Desvendará qualquer que for o problema. Não perca mais tempo, faça hoje mesmo uma consulta com MÃE MARIA, pelos BÚZIOS - CARTAS E TAROT.

**ORAÇÃO HEI DE VENCER**

Traga sempre consigo esta oração. Bendito seja a luz do dia, Bendito seja quem o guia, Bendito seja o filho de Deus e da Virgem Maria assim como Deus separou a noite do dia, separe minha alma da má companhia e meu corpo da felicidade. Pelo poder de Deus e da Virgem Maria.

**ATENDIMENTO TODOS OS DIAS DAS 9:00 ÀS 20:00 HS.**

**Fone: (019) 3387-2554**

Rua Dr. Lúcio Pereira Pelxoto, 330 - Chapadão - Campinas - SP

? 1. afinidade moral, similitude no sentir e no pensar que aproxima duas ou mais pessoas. [ ... ] ? 3. impressão agradável, disposição favorável que se experimenta em relação a alguém que pouco se conhece. [ ... ] ? 6. atração por uma coisa ou uma idéia. [ ... ] ? 9. *Brasileirismo*: usada como *interlocutório pessoal* (- qual o seu nome, simpatia?). ? 10. *Brasileirismo* : ação (observação de algum ritual, uso de um determinado objeto etc.) praticada supersticiosamente com finalidade de conseguir algo que se deseja.

a) Dentre as definições do dicionário Houaiss mencionadas, qual é a mais próxima do sentido da palavra "simpatia" no texto?

b) Há no texto duas ocorrências de "desvendar", sendo que uma delas não coincide com o uso padrão desse termo. Qual é, e por quê?

c) Independentemente do título, algumas características da segunda parte do texto são de uma oração ou prece ou reza. Quais são essas características?

104) (Unicamp-2002) Uma revista semanal brasileira traz a seguinte nota em sua seção A SEMANA:

#### O HOMEM DAS BEXIGAS

O britânico Ian Ashpole bateu no domingo 28 o recorde de altitude em vôo com bexigas: subiu 3.350 metros amarrado a 600 balões, superando sua marca de 3 mil metros. Ian subiu de bexiga e voltou de pára-quedas.

"Quando eu era criança, assisti a um filme chamado Balão vermelho. Desde então me apaixonei por esse esporte", disse ele. (ISTOÉ, 7/11/2001.)

a) O título poderia ser considerado ambíguo, dado que a palavra "bexiga" tem vários sentidos em português. Cite pelo menos dois desses sentidos.

b) Em que passagem do texto se desfaz a ambigüidade do título?

c) Dada a modalidade esportiva que Ian pratica, qual poderia ser o tema do filme mencionado?

105) (Unicamp-2000)



1993 ESPECIAL-DOMINGO CIRCULO DE S. PAULO

**VERISSIMO**

As Aventuras da Família Brasil

1. O QUE É, TRATAMENTO "FICAR"?

2. "FICAR" É, ASSIM... PERE COM UMA GAROTA

3. NÃO HÁ PERIGO DELA FICAR...

4. NÃO!

5. PEREGRINANDO POR VÁRIOS CENÁRIOS AS CLASSE

O tema desta tira é, tecnicamente falando, um "neologismo semântico", isto é, um novo sentido - surgido há alguns anos -, assumido por uma palavra que já existia. A palavra em questão é o verbo "ficar", que ocorre três vezes.

a) qual (ou quais) das ocorrências representa(m) um sentido mais antigo do verbo "ficar"? Qual(is) representa(m) o novo sentido?

b) qual a palavra que mais provavelmente preencheria as reticências da terceira fala?

c) a última fala pode ser interpretada como sendo irônica. Por quê?

106) (Unicamp-2004) Em matéria recentemente publicada no Caderno Sinapse da Folha de S. Paulo, é apresentada uma definição de media training: ensinar profissionais a lidarem com a imprensa e se saírem bem nas entrevistas. Na parte final da reportagem, o jornalista faz a seguinte ressalva: O "media training" não se restringe a

corporações. A Universidade X distribui para seus profissionais uma cartilha com dicas para que professores e médicos possam ter um bom relacionamento com a imprensa. Ironicamente intitulado de “Corra que a Imprensa vem aí”, o manual aponta gafes cometidas e dá dicas sobre a melhor forma de atender um repórter. (Adaptado de Vinícius Queiroz Galvão, Treinamento antigafe, Caderno Sinapse, 30/09/2003, p. 32).

a) No trecho acima, as aspas são utilizadas em dois momentos diferentes. Transcreva as passagens entre aspas e explique seu uso em cada uma delas.

b) Podemos relacionar o título da cartilha com o título em português da conhecida comédia norte-americana “Corra que a polícia vem aí”, que trata de um inspetor de polícia atrapalhado. Explícite os sentidos da palavra ‘correr’ nos títulos do filme e do manual.

**107) (Unicamp-2005)** Em um jornal de circulação restrita, vemos, na capa, a seguinte chamada:

Inspire  
saúde!  
Sem fumar,  
respire  
aliviado!

No interior do Jornal, a matéria começa da seguinte forma: Desperte o não-fumante que há em você!, seguida logo adiante de O fumante passivo - aquele que não fuma, mas freqüente ambientes poluídos pela fumaça do cigarro - também tem sua saúde prejudicada. (Jornal da Cassi - Publicação da Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil, ano IX, n. 40, junho/julho de 2004).

Levando em consideração os trechos citados, observamos, na chamada da capa, um interessante jogo polissemico.

a) Apresente dois sentidos de ‘Inspire’ em ‘Inspire saúde!’. Justifique.

b) Apresente dois sentidos de ‘aliviado’ em ‘respire aliviado!’. Justifique.

**108) (UNICAMP-2006)** Na sua coluna diária do Jornal Folha de S. Paulo de 17 de agosto de 2005, José Simão escreve: “No Brasil nem a esquerda é direita!”.

a) Nessa afirmação, a polissemia da língua produz ironia. Em que palavras está ancorada essa ironia?

b) Quais os sentidos de cada uma das palavras envolvidas na polissemia acima referida?

c) Comparando a afirmação “No Brasil nem a esquerda é direita” com “No Brasil a esquerda não é direita”, qual a diferença de sentido estabelecida pela substituição de ‘nem’ por ‘não’?

**109) (UNIFESP-2005)** Saudade “é a 7a.palavra mais difícil de traduzir”

Uma lista compilada por uma empresa britânica com as opiniões de mil tradutores profissionais coloca a palavra “saudade”, em português, como a sétima mais difícil do mundo para se traduzir.

A relação da empresa Today Translations é encabeçada por uma palavra do idioma africano Tshiluba, falado no sudoeste da República Democrática do Congo: “ilunga”. “Ilunga” significa “uma pessoa que está disposta a perdoar quaisquer maus-tratos pela primeira vez, a tolerar o mesmo pela segunda vez, mas nunca pela terceira vez”. (...)

Segundo a diretora da Today Translations, Jurga Ziliskiene, embora as definições sejam aparentemente precisas, o problema para o tradutor é refletir, com outras palavras, as referências à cultura local que os vocábulos originais carregam.

“Provavelmente você pode olhar no dicionário e (...) encontrar o significado”, disse. “Mas, mais importante que isso, são as experiências culturais (...) e a ênfase cultural das palavras.”

Veja a lista completa das dez palavras consideradas de mais difícil tradução:

1. Ilunga (tshiluba): uma pessoa que está disposta a perdoar quaisquer maus-tratos pela primeira vez, a tolerar o mesmo pela segunda vez, mas nunca pela terceira vez.
2. Shlimazl (ídiche): uma pessoa cronicamente azarada.
3. Radioukacz (polonês): pessoa que trabalhou como telegrafista para os movimentos de resistência ao domínio soviético nos países da antiga Cortina de Ferro.
4. Naa (japonês): palavra usada apenas em uma região do país para enfatizar declarações ou concordar com alguém.
5. Altahmam (árabe): um tipo de tristeza profunda.
6. Gezellig (holandês): aconchegante.
7. Saudade.
8. Selathirupavar (tâmil, língua falada no sul da Índia): palavra usada para definir um certo tipo de ausência não-autorizada frente a deveres.
9. Pochemuchka (russo): uma pessoa que faz perguntas demais.
10. Kllloshar (albanês): perdedor. (BBC Brasil in <http://noticias.uol.com.br/educacao>, 23.06.2004.)

A palavra compilada, no primeiro parágrafo, pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- a) reunida.
- b) aprovada.
- c) apresentada.
- d) divulgada.
- e) comprovada

**110) (UNIFESP-2005)** Senhor feudal

*Se Pedro Segundo*

*Vier aqui*

*Com história*



*Eu boto ele na cadeira.*

*Oswald de Andrade*

No contexto, a expressão “com história”, significa

- a) um colóquio de intelectuais.
- b) uma conversa fiada.
- c) um comunicado urgente.
- d) uma prosa de amigos.
- e) um diálogo sério.

**111) (Unifor-2003)** O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.

Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre “muito tido, muito visto, muito conhecido”, como diria o poeta Rimbaud. Daí a seriedade do ofício do cronista e a frequência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)

Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d’água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede. (Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa**. Aguilar, 1974, p. 591-2)

*A crônica é matéria tácita de leitura ..... (2º parágrafo)*

A afirmação acima se traduz corretamente por: A crônica

- a) desperta opiniões divergentes dos possíveis leitores.

b) é procurada por alguns leitores de gosto literário aprofundado.

c) é uma leitura que exige tranqüilidade e tempo disponível.

d) é desvinculada das demais seções do jornal, por suas características.

e) tem sua leitura aceita e praticada sem objeções.

**112) (UNIUBE-2002)** A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.

- Já acabei, murmurou ele.

- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “\_\_\_ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “\_\_\_ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração \_\_\_ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Assinale a ÚNICA alternativa em que a palavra em negrito NÃO está adequadamente interpretada de acordo com seu sentido no texto.

- a) “Dom veio por ironia, para atribuir-me **fumos** de fidalgo...” = ares

- b) "...tanto **bastou** para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso." = ser suficiente.
- c) "Meu caro Dom Casmurro, não **cuide** que o dispense do teatro amanhã..." = achar
- d) "Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o **vulgo** de homem calado e metido consigo..." = povo.

113) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.

- Já acabei, murmurou ele.

- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os

vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." "\_\_\_ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "\_\_\_ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."

Não consulte dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração \_\_\_ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

De acordo com o texto, "casmurro" deve ser entendido como

- a) cabeçudo, tristonho.  
 b) teimoso, implicante.  
 c) fechado, introvertido.  
 d) reservado, obstinado.

114) (Vunesp-2002) Sermão do Mandato  
 Começando pelo amor. O amor essencialmente é união, e naturalmente a busca: para ali pesa, para ali caminha, e só ali pára. Tudo são palavras de Platão, e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor é unir, como pode ser efeito do amor o apartar? Assim é, quando o amor não é extremado e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem efeitos contrários. A dor faz gritar; mas se é excessiva, faz emudecer: a luz faz ver; mas se é excessiva, cega: a alegria alenta e vivifica; mas se é excessiva, mata. Assim o amor: naturalmente une; mas se é excessivo, divide: Fortis est ut mors dilectio: o amor, diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sábio? Como a vida, dissera eu. O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte? O mesmo Salomão se explicou. Não fala Salomão de qualquer amor, senão do amor forte? Fortis est ut mors dilectio: e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo, produz efeitos contrários. É união, e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar, e sabe-se desatar como Sansão: afetuoso, deixa-se atar; forte, rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso; mas umas vezes é amoroso e unitivo, outras vezes amoroso e forte. Enquanto amoroso e unitivo, junta os extremos mais distantes: enquanto amoroso e forte, divide os extremos mais unidos.

(ANTONIO VIEIRA. Sermão do Mandato. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 165-166.)

Feliza

Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo  
 Da Natureza, que por ti se inflama;  
 Dizem que és dos mortais suave abrigo;  
 Que enjoa, e pesa a vida a quem não ama:  
 Mas com dura exp'riência eu contradigo  
 A falsa opinião, que um bem te chama:  
 Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.  
 Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Feliza de Sileu! Quem tal pensara

Daquela, entre as pastoras mais formosa  
 Que a vermelha papoila entre a seara,  
 Que entre as boninas a corada rosa!  
 Feliza por Sileu me desampara!  
 Oh céus! Um monstro seus carinhos goza;  
 Ansia cruel me esfalfa o sofrimento.  
 Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Ingrata, que prestígio te alucina?

Que mágica ilusão te está cegando?

Que fado inevitável te domina,

Teu luminoso espírito apagando?

O vil Sileu não põe na sanfonina

Jeitosa mão, nem pinta em verso brando

Ondadas tranças, que bafeja o vento.  
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.  
(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. Obras de Bocage.  
Porto: Lello & Irmão, 1968, p. 685-686.)

O caráter polissêmico que comumente apresentam as palavras da língua permite que, com o emprego de uma mesma palavra em contextos distintos, possamos acionar diferentes significados. Muitas vezes, a produção de significados novos ocorre em função do emprego metafórico ou também metonímico das palavras. Nos trechos de Vieira e de Bocage, encontramos alguns exemplos disso. Releia-os atentamente e, a seguir,  
a) explique o significado que, pelo emprego metafórico, assume a forma verbal “pinta” no poema de Bocage;  
b) reescreva a frase “É união, e produz apartamentos”, substituindo a última palavra por outra de sentido equivalente e apropriado ao contexto do sermão de Vieira.

115) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

### Canção do Tamoio

I  
Não chores, meu filho;  
Não chores, que a vida  
É luta renhida:  
Viver é lutar.  
A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos,  
Só pode exaltar.

II  
Um dia vivemos!  
O homem que é forte  
Não teme da morte;  
Só teme fugir;  
No arco que entesa  
Tem certa uma presa,  
Quer seja tapuia,  
Condor ou tapir.

III  
O forte, o covarde  
Seus feitos inveja  
De o ver na peleja  
Garboso e feroz;  
E os tímidos velhos  
Nos graves concelhos,  
Curvadas as frentes,

Escutam-lhe a voz!

IV  
Domina, se vive;  
Se morre, descansa  
Dos seus na lembrança,  
Na voz do porvir.  
Não cures da vida!  
Sê bravo, sê forte!  
Não fujas da morte,  
Que a morte há de vir!  
(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas. Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

### Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.  
Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]  
Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.  
(BARBOSA, Rui. Oração aos moços [discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

### Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.  
Ai, quem não chora não mama,  
Quem não mama fica fraco,  
Fica sem força pra vida,  
A vida é luta renhida,  
Não é sopa, é um buraco.  
Se eu não tivesse chorado  
Nunca teria mamado,  
Não estava agora cantando,  
Não teria um automóvel,  
Estaria caceteado,  
Assinando promissória,  
Quem sabe vendendo imóvel

A prestação ou sem ela,  
 Ou esperando algum tigre  
 Que talvez desse amanhã,  
 Ou dando um tiro no ouvido,  
 Ou sem olho, sem ouvido,  
 Sem perna, braço, nariz.  
 Chora, meu filho, chora,  
 Anteontem, ontem, hoje,  
 Depois de amanhã, amanhã.  
 Não dorme, filho, não dorme,  
 Se você toca a dormir  
 Outro passa na tua frente,  
 Carrega com a mamadeira.  
 Abre o olho bem aberto,  
 Abre a boca bem aberta,  
 Chore até não poder mais.  
 (MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

A palavra em estado de dicionário representa apenas um conjunto de possibilidades de significação, que se atualizam ou não conforme os contextos em que é empregada pelo falante ou pelo escritor. Ciente deste fato, a) explique a diferença de sentido que há entre o emprego do verbo "chorar" na **Canção do Tamoio** (versos 1 e 2) e no **Hino do Deputado** (versos 1, 2, 20 e 29); b) sem deixar de levar em consideração o contexto do poema de Murilo Mendes, interprete o verso "Carrega com a mamadeira".

116) (Vunesp-2001) Solar Encantado  
 Só, dominando no alto a alpestre serra,  
 Entre alcantis, e ao pé de um rio majestoso,  
 Dorme quedo na névoa o solar misterioso,  
 Encerrado no horror de uma lenda sombria.

Ouve-se à noite, em torno, um clamor lamentoso,  
 Piam aves de agouro, estruge a ventania,  
 E brilhando no chão por sobre a selva fria,  
 Correm chamas sutis de um fulgor nebuloso.

Dentro um luxo funéreo. O silêncio por tudo...  
 Apenas, alta noite, uma sombra de leve  
 Agita-se a tremer nas trevas de veludo...

Ouve-se, acaso, então, vaguíssimo suspiro,  
 E na sala, espalhando um clarão cor de neve,  
 Resvala como um sopro o vulto de um vampiro.  
 SILVA, Vítor. In: RAMOS, P.E. da Silva. Poesia parnasiana - antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1967, p. 245.

A Alma do Apartamento Mora na Varanda  
 No terraço de 128m<sup>2</sup>, a família toma sol, recebe amigos para festas e curte a vista dos Jardins, em São Paulo. Os espaços generosos deste apartamento dos anos 50 recebem luz e brisa constantes graças às grandes janelas.

Os aromas desse apartamento de 445m<sup>2</sup> denunciam que ele vive os primeiros dias: o ar recende a pintura fresca. Basta apurar o olfato para também descobrir a predileção do dono da casa por charutos, lírios e velas, espalhados pelos ambientes sociais. Sobre o fundo branco do piso e dos sofás, surgem os toques de cores vivas nas paredes e nos objetos. "Percebi que a personalidade do meu cliente é forte. Não tinha nada a ver usar tons suaves", diz Nesa César, a profissional escolhida para fazer a decoração. Quando o dia está bonito, sair para a varanda é expor-se a um banho de sol, pois o piso claro reflete a luz. O espaço resgata um pedaço do Mediterrâneo, com móveis brancos e paredes azuis. "Parece a Grécia", diz a filha do proprietário. Ele, um publicitário carioca que adora sol e festa, acredita que a alma do apartamento está ali. MEDEIROS, Edson G. & PATRÍCIO, Patrícia. A alma do apartamento mora na varanda. In: Casa Cláudia. São Paulo, Editora Abril, nº 4, ano 23, abril/99, p. 69-70.

Saudosa Maloca  
 Se o sinhô não tá lembrado,  
 Dá licença de contá  
 Que aqui onde agora está  
 Esse adifício arto  
 Era uma casa véia,  
 Um palacete assobradado.  
 Foi aqui, "seu" moço,  
 Que eu, Mato Grosso e o Joca  
 Construimos nossa maloca  
 Mais, um dia,  
 - Nós nem pode se alembra -,  
 Veio os homens c'as ferramentas,  
 O dono mandô derrubá.

Peguemos todas nossas coisas  
 E fumos pro meio da rua  
 Preciá a demolição  
 Que tristeza que nós sentia  
 Cada tauba que caía  
 Duía no coração  
 Mato Grosso quis gritá  
 Mais em cima eu falei:  
 Os homens tá c'a razão,  
 Nós arranja otro lugá.  
 Só se conformemos quando o Joca falô:  
 "Deus dá o frio conforme o cobertô".  
 E hoje nós pega paia nas gramas do jardim  
 E p'ra esquecer nós cantemos assim:  
 Saudosa maloca, maloca querida, dim, dim,  
 Onde nós passemos dias feliz de nossa vida.  
 BARBOSA, Adoniran. In: Demônios da Garoa - Trem das 11. CD 903179209-2, Continental-Warner Music Brasil, 1995.

Expressões como "o espírito" de uma equipe ou de um grupo, "a alma" de uma casa ou de uma empresa são bastante comuns e denotam certa subjetividade na avaliação de aspectos que, na realidade, são objetivos.

Levando em conta esta informação, responda:

- a) Que aspectos objetivos do espaço descrito levaram o proprietário a afirmar, a respeito da varanda, que “a alma do apartamento está ali”?
- b) A que característica física do apartamento se referem os repórteres, ao empregarem o vocábulo “generosos”?

117) (Vunesp-2001) Eurico, o Presbítero

Os raios derradeiros do sol desapareceram: o clarão avermelhado da tarde vai quase vencido pelo grande vulto da noite, que se alevanta do lado de Septum. Nesse chão tenebroso do oriente a tua imagem serena e luminosa surge a meus olhos, ó Hermengarda, semelhante à aparição do anjo da esperança nas trevas do condenado. E essa imagem é pura e sorri; orna-lhe a fronte a coroa das virgens; sobe-lhe ao rosto a vermelhidão do pudor; o amículo alvíssimo da inocência, flutuando-lhe em volta dos membros, esconde-lhe as formas divinas, fazendo-as, porventura, suspeitar menos belas que a realidade. É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites de atroz saudade: mas, em sonhos ou desenhada no vapor do crepúsculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação inde-cifrável; um consolo e ao mesmo tempo um martírio.

Não eras tu emanação e reflexo do céu? Por que não ousaste, pois, volver os olhos para o fundo abismo do meu amor? Verias que esse amor do poeta é maior que o de nenhum homem; porque é imenso, como o ideal, que ele compreende; eterno, como o seu nome, que nunca perece.

Hermengarda, Hermengarda, eu amava-te muito! Adorava-te só no santuário do meu coração, enquanto precisava de ajoelhar ante os altares para orar ao Senhor. Qual era o melhor dos dois templos? Foi depois que o teu desabou, que eu me acolhi ao outro para sempre.

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e ti está a Cruz ensangüentada do Calvário; quando a mão inexorável do sacerdócio soldou a cadeia da minha vida às lájeas frias da igreja; quando o primeiro passo além do limiar desta será a perdição eterna?

Mas, ai de mim! essa imagem que parece sorrir-me nas solidões do espaço está estampada unicamente na minha alma e reflete-se no céu do oriente através destes olhos perturbados pela febre da loucura, que lhes queimou as lágrimas.

HERCULANO, Alexandre. Eurico, o presbítero. Edição crítica, dirigida e prefaciada por Vitorino Nemésio. 41ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, [s.d.], p. 42-43.

O Missionário

Entregara-se, corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupava o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria

filho de Pedro Ribeiro de Moraes, o devasso fazendeiro do Igarapé-mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em padre de S. Sulpício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que padre Antônio de Moraes viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração da sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor das suas virtudes ascéticas e dos seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e à depravação, perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir. Esquecera o seu caráter sacerdotal, a sua missão e a reputação do seu nome, para mergulhar-se nas ardentes sensualidades dum amor físico, porque a formosa Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos além dos seus frescos lábios vermelhos, tentação demoníaca, das suas formas esculturais, assombro dos sertões de Guaranatuba. SOUSA, Inglês de. O missionário. São Paulo: Ática, 1987, p. 198.

Em cada fragmento apresentado encontramos o protagonista envolvido por fortes sentimentos de amor e de fé religiosa. Com base nesta observação,

- a) descreva o que há de comum nas reações dos dois religiosos ao viverem tais sentimentos;
- b) explique as razões pelas quais, no quinto parágrafo do texto de Herculano, a personagem se refere a dois templos.

118) (Vunesp-2001) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um fragmento do poema **Em Defesa da Língua**, do poeta neoclássico português Filinto Elísio (1734-1819), uma passagem de um texto em prosa do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898) e uma passagem de um texto em prosa do poeta modernista brasileiro Tasso da Silveira (1895-1968).

### Em Defesa da Língua

Lede, que é tempo, os clássicos honrados;  
Herdei seus bens, herdai essas conquistas,  
Que em reinos dos romanos e dos gregos  
Com indefesso estudo conseguiram.  
Vereis então que garbo, que facúndia  
Orna o verso gentil, quanto sem eles  
É delambido e peço o pobre verso.

.....  
Abra-se a antiga, veneranda fonte  
Dos genuínos clássicos e soltem-se  
As correntes da antiga, sã linguagem.  
Rompam-se as minas gregas e latinas  
(Não cesso de o dizer, porque é urgente);  
Cavemos a facúndia, que abasteça  
Nossa prosa eloqüente e culto verso.  
Sacudamos das falas, dos escritos  
Toda a frase estrangeira e frandulagem  
Dessa tinha, que comichona afeia  
O gesto airoso do idioma luso.  
Quero dar, que em francês hajam formosas  
Expressões, curtas frases elegantes;  
Mas índoles dif'rentes têm as línguas;  
Nem toda a frase em toda a língua ajusta.  
Ponde um belo nariz, alvo de neve,  
Numa formosa cara trigueirinha  
(Trigueiras há, que às louras se avantajam):  
O nariz alvo, no moreno rosto,  
Tanto não é beleza, que é defeito.  
Nunca nariz francês na lusa cara,  
Que é filha da latina, e só latinas  
Feições lhe quadram. São feições parentas.  
In: ELÍSIO, Filinto. Poesias. Lisboa: Livraria Sá da Costa-  
Editora, 1941, p. 44 e 51.

### O Estilo

O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpitação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons.

O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfumina os longes da paisagem. O princípio fundamental da Arte vem da Natureza, porque um artista faz-se da Natureza. Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita.

O vocábulo pode ser música ou pode ser trovão, conforme o caso. A palavra tem a sua anatomia; e é preciso uma rara percepção estética, uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, apuradíssima, para a exatidão da cor, da forma e para a sensação do som e do sabor da palavra.

In: CRUZ E SOUSA. Obra completa. Outras evocações. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961, p. 677-8.

### Técnicas

A técnica artística, incluindo a literatura, se constitui, de começo, de um conjunto de normas objetivas, extraídas da longa experiência, do trato milenário com os materiais mais diversos. Depois que se integra na consciência e no instinto, na inteligência e nos nervos do artista, sofre profunda transfiguração. O artista "assimilou-a" totalmente, o que significa que a transformou, a essa técnica, em si mesmo. Quase se poderia dizer que substituiu essa técnica por outra que, tendo nascido embora da primeira, é a técnica personalíssima, seu instrumento de comunicação e de transfiguração da matéria. Só aí adquiriu seu gesto criador a autonomia necessária, a força imperativa com que ele se assenhoreia do mistério da beleza para transfundi-lo em formas no mármore, na linha, no colorido, na linguagem.

A técnica de cada artista fica sendo, desta maneira, não um "processo", um elemento exterior, mas a substância mesma de sua originalidade. Inútil lembrar que tal personalíssima técnica se gera do encontro da luta do artista com o material que trabalha.

In: SILVEIRA, Tasso da. Diálogo com as raízes (jornal de fim de caminhada). Salvador: Edições GRD-INL, 1971, p. 23.

Nem sempre é preciso consultar um dicionário para descobrir o significado que um vocábulo assume num texto, já que tal significado pode ser depreendido de elementos contextuais. Considerando este fato,

a) aponte o significado da palavra "trigueiro", que se depreende do texto de Filinto Elísio.

b) demonstre como os elementos contextuais nos fazem chegar a tal significado.

**119) (Vunesp-2003)** A economia argentina já está respirando sem aparelhos. Um dado eloqüente dessa recuperação: o

Brasil aumentou em 100% suas exportações para lá em março, em comparação com o mesmo período do ano passado.

(Revista Veja, 02.04.2003.)

Nas tempestades de areia do nosso destino, nas cavernas mais profundas da nossa ancestralidade, nos subterrâneos da nossa aventura, escondem-se delatores e terroristas, carcereiros e torturadores, cassandras\* e patriotas, usurpadores e fanáticos, predadores e corruptos, seqüestradores e sociopatas. As guerras são a hora da sua plena liberação.

\*Cassandra era uma profetiza troiana que anunciava desgraças e era desacreditada por todos.

(Rodolfo Konder, Folha de S.Paulo, 07.04.2003.)

Os dois textos foram escritos com o emprego de linguagem figurada. Para efetivamente compreendê-los, é necessário "decodificar" as figuras que são, nesse caso, metáforas.

Depois de fazer isso, explique:

a) Qual o sentido da frase:

*A economia argentina está respirando sem aparelhos.*

b) Qual a tese defendida pelo autor no segundo texto?

120) (Vunesp-2003) Texto para a questão a seguir.

ALEX: Creio que o que a Leila falou e o que nós estávamos discutindo antes sugerem duas conclusões relevantes. A primeira é a de que o bem-estar não é necessariamente função da satisfação de um número maior de desejos ou preferências (para usar o termo caro aos economistas). E a segunda é a de que as pessoas não sabem ao certo o que desejam e, o mais grave, elas podem estar sistematicamente equivocadas acerca do que poderia torná-las mais felizes. Se isso é verdade, então o indivíduo não seria invariavelmente o melhor árbitro daquilo que é melhor para si, e isso mesmo do ponto de vista estreito do seu bem-estar subjetivo. Adam Smith, pelo que o Melo mostrou, não discordaria.

Considere por exemplo, para efeito de raciocínio, duas situações hipotéticas: A e B. Na situação A:

Bentinho deseja que Capitu seja fiel, ela é fiel, mas ele acredita que ela não seja. E na situação B: Bentinho deseja que Capitu seja fiel, ela não é, mas ele acredita que ela seja. Em A, o desejo de Bentinho está sendo objetivamente satisfeito, mas ele não é feliz - é o inferno dos tolos. Ao passo que em B o seu desejo não está sendo satisfeito, mas ele é feliz - é o paraíso dos tolos. A percepção nem sempre é o fato; mas isso em nada desabona o fato da percepção. No ardiloso tabuleiro da busca da felicidade, o fato da percepção com frequência vira o jogo. O que é preferível, A ou B?

MELO: Desculpe, Alex, mas não resisto. Vocês conhecem a definição de felicidade dada por Jonathan Swift? Ela é “a posse perpétua da condição de estar bem enganado; o estado pacífico e sereno de ser um tolo entre canalhas”. Pobre Bentinho...

(Eduardo Giannetti, Felicidade.)

Considere a frase: No ardiloso tabuleiro da busca da felicidade, o fato da percepção com frequência vira o jogo.

a) O que sugere a expressão metafórica ‘ardiloso tabuleiro da busca da felicidade’?

b) O que significa “virar o jogo”?

121) (Vunesp-2005) O Cabeleira

Eles atravessaram a vau o rio, e foram ter à graciosa habitação (de Felisberto), que no meio daquele deserto atestava a existência de uma civilização rudimentar no lugar onde havia caído, sem tentativa de proveito para a sociedade que o sucedera, o gentilismo guarani digno de melhor sorte.

Do alto onde fora construída a habitação via-se o rio que corria na distância de umas dezenas de braças, e desaparecia por entre umas lajes brancas no rumo de leste; do lado do ocidente mostravam-se as lavouras de Felisberto desde as proximidades da casa até onde a vista alcançava.

Felisberto aplicava-se quase exclusivamente à cultura da roça. No perímetro de vinte léguas em derredor era o lavrador que desmanchava mais mandioca, que competia no mercado do Recife com a farinha de Moribeca, já então afamada. Havia anos em que ele mandava para o Recife cerca de duzentos alqueires.

Um negro, uma negra, duas negrotas e três molecotes filhos dos dois primeiros faziam prodígios de valor na cultura das terras. Amanheciam no cabo da enxada e só se recolhiam quando faltava uma braça para o Sol se esconder no horizonte. Estes escravos viviam porém felizes tanto quanto é possível viver feliz na escravidão. Não lhes faltava que comer e que vestir. Dormiam bem, e nos domingos trabalhavam nos seus roçados. Em algum dia grande faziam seu batuque, ao qual concorriam os negros das vizinhanças.

Quando Felisberto se casou com a filha de Lourenço Ribeiro, mestre de açúcar do engenho Curcuranas, teve a feliz idéia de ir estabelecer-se naquele sítio que comprara com algumas economias que lhe legara um tio que vivera de arrematar dízimos de gado. Essas economias deram-lhe também para comprar duas moradinhas de casas e o negro André. Com a negra Maria, que a mulher lhe trouxera em dote, casou Felisberto o seu negro, na esperança de que em poucos anos a família escrava estaria aumentada, e por conseguinte aumentada também a fortuna do casal. Essa esperança foi brilhantemente confirmada.

(...)

Frutos do trabalho honesto e esforçado, o qual é sempre favorecido pela Providência, não tinham sido de todo destruídos pela grande seca os roçados do Felisberto. Ele já enumerava muitos prejuízos, mas olhando em torno de si via ainda muito com que contar na tremenda crise que reduzira o geral da população da província a extrema penúria.

(Franklin Távora, O Cabeleira. 1ª edição: 1876.)

Vidas Secas

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beijos rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. (...)

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito

coberto de seixos miúdos - os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia - lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.

*(Graciliano Ramos, Vidas Secas. 1ª edição: 1938.)*

Certas expressões ganham sentidos diferentes, dependendo do contexto ou da situação em que ocorrem. Assim, os adjetivos “secas” ou “torrados”, de *Vidas Secas*, estão impregnados de uma conotação negativa, diferentemente de “secas” ou “torrados” em contextos como “ameixas secas” ou “amendoins torrados”, onde são positivos. Pensando nessas possibilidades,

a) explique que sentido tem a expressão “céu azul”, para Fabiano, na frase “No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido”;

b) construa uma frase em que o contexto atribua a essa mesma expressão uma conotação positiva.

**122) (VUNESP-2006)** Dependendo do emprego, em um texto concreto, uma palavra pode apresentar um sentido figurado, conotativo, que se afasta do sentido literal, comum, com que o termo costuma ser utilizado, em contextos informativos.

A palavra luz serve como exemplo. Levando em consideração o par denotação/conotação,

a) demonstre em que sentido ela é empregada, no trecho Galileu sustentava a idéia de que a luz não era instantânea (...)

b) construa uma frase em que a palavra luz adquira um sentido diferente do encontrado no trecho destacado no item a.

**123) (VUNESP-2007)** Os Tratados com a Bolívia

A Bolívia é uma espécie de Estado de Minas da América do Sul; não tem comunicação com o mar. Quando a Standard Oil abriu lá os poços de petróleo de Santa Cruz de la Sierra, na direção de Corumbá de Mato Grosso, a desvantagem da situação interna da Bolívia tornou-se patente. Estava com

petróleo, muito petróleo, mas não tinha porto por onde exportá-lo. Ocorreu então um fato que parece coisa de romance policial.

Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco. O boliviano desconfiou. “Aqueles poços não cessam de jorrar e o petróleo que paga taxa é tão escasso... Neste pau tem mel.”

E tinha. A espionagem boliviana acabou descobrindo o truque: havia um oleoduto secreto que subterraneamente passava por baixo das fronteiras e ia emergir na Argentina. A maior parte do petróleo boliviano escapava à taxa do governo e entrava livre no país vizinho. Um negócio maravilhoso.

Ao descobrir a marosca, a Bolívia fez um barulho infernal e cassou todas as concessões de petróleo dadas à Standard Oil. Vitórias momentâneas sobre a Standard quantas a história não registra! Vitórias momentâneas. Meses depois um coronel ou general encabeça um pronunciamento político, derruba o governo e toma o poder. O primeiro ato do novo governo está claro que foi restaurar as concessões da Standard Oil cassadas pelo governo caído...

Mas como resolver o problema da saída daquele petróleo fechado? De todas as soluções estudadas a melhor consistia no seguinte: forçar o Brasil por meio dum tratado a ser o comprador do petróleo boliviano; esse petróleo iria de Santa Cruz a Corumbá por uma estrada de ferro a construir-se e de Corumbá seguiria pela Estrada de Ferro Noroeste. Isto, provisoriamente. Mais tarde se construiria um oleoduto de La Sierra a Santos, Paranaguá ou outro porto brasileiro do Atlântico. Deste modo o petróleo boliviano abasteceria as necessidades do Brasil e também seria exportado por um porto do Brasil.

Ótima a combinação, mas para que não viesse a falhar era indispensável que o Brasil não tirasse petróleo. Eis o segredo de tudo. A hostilidade oficial contra o petróleo brasileiro vem de grande número de elementos oficiais fazerem parte do grande grupo americano, boliviano e brasileiro que propugna essa solução - maravilhosa para a Bolívia, desastrosíssima para nós.

Os tratados que sobre a matéria o Brasil assinou com a Bolívia não foram comentados pelos jornais dos tempos; era assunto petróleo e a Censura não admitia nenhuma referência a petróleo nos jornais. A 25 de janeiro de 1938 foi assinado o tratado entre o Brasil e a Bolívia no qual se estabelecia o orçamento para a realização de estudos e trabalhos de petróleo no total de 1.500.000 dólares, dos quais o Brasil entrava com a metade, 750 mil dólares, hoje 15 milhões de cruzeiros. O Brasil entrava com esse dinheiro para estudos de petróleo na Bolívia, o mesmo Brasil

oficial que levou sete anos para fornecer a Oscar Cordeiro uma sondinha de 500 metros...

Um mês depois, a 25 de fevereiro de 1938, novo tratado entre os dois países, com estipulações para a construção duma estrada de ferro Corumbá a Santa Cruz de la Sierra; a



benefício dessas obras em território boliviano o Brasil entrava com um milhão de libras ouro...

O representante do Brasil para a formulação e execução dos dois tratados tem sido o Sr. Fleury da Rocha.

Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto do petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia - mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão Governo Brasileiro... (José Bento Monteiro Lobato. Obras completas - volume 7. São Paulo:

Editora Brasiliense, 1951, p.225-227.)

Muitas vezes, nos seus textos, os escritores conseguem comunicar de modo indireto, figurado, conteúdos que, caso referidos pelas palavras correspondentes, poderiam ser considerados chocantes, agressivos. Levando em consideração esse fato, determine o que quer dizer Monteiro Lobato, no último parágrafo de seu texto, ao relacionar as expressões “sensação de repugnância” e “Governo Brasileiro”.

124) (VUNESP-2007) Os Tratados com a Bolívia

A Bolívia é uma espécie de Estado de Minas da América do Sul; não tem comunicação com o mar. Quando a Standard Oil abriu lá os poços de petróleo de Santa Cruz de la Sierra, na direção de Corumbá de Mato Grosso, a desvantagem da situação interna da Bolívia tornou-se patente. Estava com petróleo, muito petróleo, mas não tinha porto por onde exportá-lo. Ocorreu então um fato que parece coisa de romance policial.

Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco. O boliviano desconfiou. “Aqueles poços não cessam de jorrar e o petróleo que paga taxa é tão escasso... Neste pau tem mel.”

E tinha. A espionagem boliviana acabou descobrindo o truque: havia um oleoduto secreto que subterraneamente passava por baixo das fronteiras e ia emergir na Argentina. A maior parte do petróleo boliviano escapava à taxa do governo e entrava livre no país vizinho. Um negócio maravilhoso.

Ao descobrir a marosca, a Bolívia fez um barulho infernal e cassou todas as concessões de petróleo dadas à Standard Oil. Vitórias momentâneas sobre a Standard quantas a história não registra! Vitórias momentâneas. Meses depois um coronel ou general encabeça um pronunciamento político, derruba o governo e toma o poder. O primeiro ato do novo governo está claro que foi restaurar as concessões da Standard Oil cassadas pelo governo caído...

Mas como resolver o problema da saída daquele petróleo fechado? De todas as soluções estudadas a melhor consistia no seguinte: forçar o Brasil por meio dum tratado a ser o comprador do petróleo boliviano; esse petróleo iria de Santa Cruz a Corumbá por uma estrada de ferro a

construir-se e de Corumbá seguiria pela Estrada de Ferro Noroeste. Isto, provisoriamente. Mais tarde se construiria um oleoduto de La Sierra a Santos, Paranaguá ou outro porto brasileiro do Atlântico. Desse modo o petróleo boliviano abasteceria as necessidades do Brasil e também seria exportado por um porto do Brasil.

Ótima a combinação, mas para que não viesse a falhar era indispensável que o Brasil não tirasse petróleo. Eis o segredo de tudo. A hostilidade oficial contra o petróleo brasileiro vem de grande número de elementos oficiais fazerem parte do grande grupo americano, boliviano e brasileiro que propugna essa solução — maravilhosa para a Bolívia, desastrosíssima para nós.

Os tratados que sobre a matéria o Brasil assinou com a Bolívia não foram comentados pelos jornais dos tempos; era assunto petróleo e a Censura não admitia nenhuma referência a petróleo nos jornais. A 25 de janeiro de 1938 foi assinado o tratado entre o Brasil e a Bolívia no qual se estabelecia o orçamento para a realização de estudos e trabalhos de petróleo no total de 1.500.000 dólares, dos quais o Brasil entrava com a metade, 750 mil dólares, hoje 15 milhões de cruzeiros. O Brasil entrava com esse dinheiro para estudos de petróleo na Bolívia, o mesmo Brasil

oficial que levou sete anos para fornecer a Oscar Cordeiro uma sondinha de 500 metros...

Um mês depois, a 25 de fevereiro de 1938, novo tratado entre os dois países, com estipulações para a construção duma estrada de ferro Corumbá a Santa Cruz de la Sierra; a benefício dessas obras em território boliviano o Brasil entrava com um milhão de libras ouro...

O representante do Brasil para a formulação e execução dos dois tratados tem sido o Sr. Fleury da Rocha.

Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto do petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia — mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão Governo Brasileiro... (José Bento Monteiro Lobato. Obras completas — volume 7. São Paulo:

Editora Brasiliense, 1951, p.225-227.)

O emprego de aumentativos e diminutivos nem sempre tem o objetivo de indicar tamanho, mas, muitas vezes, traduz impressões afetivas do falante ou escritor, como também intenções de debochar, ironizar, criticar ou destacar aspectos pejorativos. Baseado nessa informação, aponte o que quer dizer o escritor, no sétimo parágrafo, com o emprego do substantivo “sondinha”.

125) (VUNESP-2007) A questão se baseiam na letra do samba-canção Escultura, de Adelino Moreira (1918-2002) e Nelson Gonçalves (1919-1998) e numa passagem do romance O Garimpeiro, do escritor romântico Bernardo Guimarães (1825-1884).

### Escultura

Cansado de tanto amar,  
Eu quis um dia criar  
Na minha imaginação  
Uma mulher diferente  
De olhar e voz envolvente  
Que atingisse a perfeição.  
Comecei a esculpturar  
No meu sonho singular  
Essa mulher fantasia.  
Dei-lhe a voz de Dulcinéia,  
A malícia de Frinéia  
E a pureza de Maria.  
Em Gioconda fui buscar  
O sorriso e o olhar,  
Em Du Barry o glamour,  
E, para maior beleza,  
Dei-lhe o porte de nobreza  
De madame Pompadour.  
E assim, de retalho em retalho,  
Terminei o meu trabalho,  
O meu sonho de escultor,  
E, quando cheguei ao fim,  
Tinha diante de mim  
Você, só você, meu amor.  
(Adelino Moreira e Nelson Gonçalves. Escultura. In: Nelson Gonçalves. A volta do boêmio. CD nº 7432128956-2, Sonopress BMG Ariola Discos, Ltda., São Paulo, 1996.)

### O garimpeiro

Lúcia tinha dezoito anos, seus cabelos eram da cor do jacarandá brunido, seus olhos também eram assim, castanhos bem escuros. Este tipo, que não é muito comum, dá uma graça e suavidade indefinível à fisionomia. Sua tez era o meio termo entre o alvo e o moreno, que é, a meu ver, a mais amável de todas as cores. Suas feições, ainda que não eram de irrepreensível regularidade, eram indicadas por linhas suaves e harmoniosas. Era bem feita, e de alta e garbosa estatura. Retirada na solidão da fazenda paterna, desde que saíra da escola, Lúcia crescera como o arbusto do deserto, desenvolvendo em plena liberdade todas as suas graças naturais, e conservando ao lado dos encantos da puberdade toda a singeleza e inocência da infância. Lúcia não tinha uma dessas cinturas tão estreitas que se possam abranger entre os dedos das mãos; mas era fina e flexível. Suas mãos e pés não eram dessa pequenez e delicadeza hiperbólica, de que os romancistas fazem um dos principais méritos das suas heroínas; mas eram bem feitos e proporcionados. Lúcia não era uma dessas fadas de formas aéreas e vaporosas, uma sílfide ou uma bayadère\*, dessas que fazem o encanto dos salões do luxo. Tomá-la-íeis antes por uma das companheiras de Diana a caçadora, de formas esbeltas, mas vigorosas, de singelo mas gracioso gesto.

Todavia era dotada de certa elegância natural, e de uma delicadeza de sentimentos que não se esperaria encontrar em uma roceira.

(\*) Bayadère (francês): dançarina das Índias, dançarina de teatro.

(Bernardo Guimarães. O garimpeiro — romance. Rio de Janeiro: B.L. Garnier Livreiro-Editor do Instituto, 1872, p. 14-16.)

Servindo-se dos conceitos de “real” e de “ideal”, explique a conclusão a que chega o eu-poemático na última estrofe da letra de Escultura.

## GABARITO

- 1) Alternativa: A  
 2) Alternativa: C  
 3) Alternativa: B

### PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
11	49	7	12	21

Nesta questão são apresentados três textos em que uma mesma palavra é utilizada com sentidos diferentes. O problema consiste em observar a variedade de uso de um mesmo termo e as possibilidades de sua compreensão, estabelecendo uma relação comparativa com base em uma análise semântica. Cerca de metade (49%) dos participantes estabeleceu essa relação de maneira correta. Os participantes que assinalaram a alternativa D (21%), possivelmente isolaram o termo do contexto, gerando um equívoco entre “adequado” e “exclusivo”.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

- 4) Alternativa: C  
 5) Alternativa: C  
 6) Alternativa: A  
 7) Alternativa: B  
 8) Alternativa: B

- 9) 1. Após o ataque dos EUA à Hiroshima, ela passou por modificações tanto no seu território, quanto na sua política.  
 2. Um país que poderia ser considerado à margem, tinha, na verdade, um certo potencial e incomodava aos que queriam se tornar uma hegemonia mundial.

10) Alternativa: D

11) Mau caráter, de má índole

12) **Cabal**: definitiva, irrefutável

**Muito irmãs**: muito parecidas, semelhantes

**Cordeirinho que o lobo em tempos comeu**: Trata-se de uma intertextualidade, ou seja, o texto faz referência à clássica fábula em que o lobo devora o cordeiro, acusando-o de estar sujando a água que tomava em um ponto abaixo no rio.

13) Significa sem rumo, a esmo.

14) Há várias possibilidades. Entre elas: efetivamente, realmente, de fato.

15) Sentido conotativo é o sentido figurado. As palavras empregadas em sentido conotativo são: **Desgrudava e apagava**.

As palavras acima, no contexto dado, não podem ser interpretadas em seu sentido literal, tal como se apresentam no dicionário, uma vez que não cabe no sentido literal *a mente desgrudar e o olhar apagar*.

16) “Comprovinciana” é formada pelo prefixo *com*, que significa companhia, mais a palavra *provinciana*, relativo a quem é da província. Assim, *comprovinciana* significa aquela que é da mesma região, da mesma província.

17) Abrir mão de  
 Dispensar  
 Deixar de lado  
 Renunciar a

18) Alternativa: A

19) As classificações sintática e morfológica são diferentes, assim como o significado.

No primeiro enunciado, a palavra *venda* significa ‘estabelecimento comercial de pequeno porte’, é um substantivo concreto e funciona como núcleo do Adjunto Adverbial de Lugar.

Já no segundo enunciado, significa ato de vender, é um substantivo abstrato e funciona como núcleo do sujeito.

20) Às vezes, **alguma** se escapa e vem **brilhar/tentar resplandecer/fazer efeito** desdentadamente, em público, nalgum **discurso** de paraninfo.”

21) a) A palavra subentendida é **vez** (sem que de uma só vez...)

b) “Desse fé” significa notasse, percebesse.

22) a) “arremessar dardo, atingir ou ferir com dardo”.

b) No contexto, o verbo dardejar foi empregado com sentido conotativo de “lançar (olhares) de forma intensa e insinuante”, como se fossem dardos.

c) Metáfora

23) a) A palavra *extremos* significa “carinho excessivo, cuidado intenso, exagero”. Ela indica a intensidade das atitudes de afeto de Ahy por Aoitin.

b) Os “extremos” eram “mal pagos” porque Ahy “nunca um só sinal de reconhecimento obtinha”, ou seja, seu amor não era correspondido nem notado por Aoitin.

- 24) Alternativa: B
- 25) Alternativa: E
- 26) Alternativa: C
- 27) Alternativa: B
- 28) Alternativa: C
- 29) Alternativa: A
- 30) Alternativa: D
- 31) Alternativa: D
- 32) a) Encontrou-se uma quantia em dinheiro no lixo;  
Através da exploração (reciclagem) do lixo, obteve-se dinheiro.
- b) Há inúmeras possibilidades. Uma delas poderia ser "Reciclagem do lixo gera dinheiro".
- 33) a) Denotativo. As palavras estão sendo usadas em seu sentido tradicional, de dicionário.
- b) Há várias possibilidades. Uma delas é: Se há alguma coisa contraditória ou incoerente no que digo, há também muita coisa com sentido completo, coerente.
- 34) a) O Verbo **desfiar** e o substantivo **fio** (*em vê-la desfiar seu fio*)
- b) A palavra **explosão** opõe-se semanticamente a **franzina**. Explosão pressupõe grandeza, enquanto franzina pressupõe pequenez.
- 35) Alternativa: D
- 36) Alternativa: D
- 37) Alternativa: A
- 38) Alternativa: D
- 39) Alternativa: C
- 40) Alternativa: B
- 41) Alternativa: B
- 42) a): Ainda que não se veja, Embora não se veja, Mesmo que não se veja, Conquanto não se veja.
- b) Viram deve ser substituído por um verbo de ligação: tornam-se, ficam, etc.
- 43) a) 'Rodar'.  
'Rodar' é a palavra que melhor estabelece a relação entre patrocinado (o cinema) e patrocinador (Petrobrás) porque pode ser entendida tanto como 'rodar' um filme - associando-se portanto a cinema, uma vez que passa a significar *filmar, fazer um filme* - como 'rodar' um veículo - associando-se a Petrobrás, uma distribuidora de combustíveis, pois passa a significar *dirigir, mover-se sobre rodas*.
- b) A frase 'E você tem um papel muito importante nesta história' pode assumir dois significados em função da palavra *papel*. Podemos entender que o interlocutor (você) passará a ser um ator nesta história, assim como também podemos dar à palavra papel o sentido de importância (você terá muita importância nesta história).
- 44) a) Não. O texto publicitário lembra o provérbio apenas na estrutura sintática, não nos recursos sonoros.
- b) A ambigüidade presente na palavra "planta" (ser vivo do reino vegetal ou representação gráfica de uma construção)
- 45) a) Sim. Nas duas construções a palavra **alma** significa 'essência', 'condição primordial para a existência', 'força motriz'.
- b) O negócio é a alma da propaganda.
- 46) a) Sim, porque o campo semântico das metáforas (estribo, rédeas, algibeira) é compatível com o interlocutor, o fazendeiro Matraga.
- b) Há mais de uma. São elas:  
"não tira o estribo do pé de arrependido nenhum"  
"o Reino do Céu, que é o que mais vale, ninguém tira de sua algibeira".
- 47) Alternativa: D
- 48) Alternativa: A
- 49) Alternativa: D
- 50) Alternativa: B
- 51) a) A expressão que melhor exemplifica o "biologuês" é: "morfologia da semente da laurácea". Além dessa, poderiam ser citadas ainda: "sair a campo", "espécies" e "pato-mergulhão", que, embora relativamente usuais, adquirem um sentido mais específico no âmbito das ciências biológicas.
- b) Ela pode ser traduzida como revelar, com exatidão e sem disfarce, os culpados, identificar nominalmente os responsáveis, fazendo referência à sinceridade corajosa daqueles que não temem represálias e ousam apontar os implicados em crimes, ou negócios escusos.
- 52) a) A palavra **meta** indica aquilo que ainda não se atingiu. Assim, se a meta é eficiência e cortesia, é porque o

restaurante ainda não as tem, e comunicar isso, evidentemente, é contrário ao objetivo do texto publicitário.

b) Há várias formas possíveis. Uma delas:

*O nosso lema de atendimento é eficiência e cortesia.*

53) "Jeitinho" e "jeito" têm valores semânticos diferentes nas duas propagandas.

Em "jeitinho italiano", o significado é "modo", "maneira"; em "o Brasil tem jeito", supõe-se que ele tenha "solução".

Usar "jeitinho" na frase B, levaria a um sentido "pejorativo", uma maneira não muito correta de resolver seus problemas. Utilizando "jeito" na frase A, não manteríamos o sentido carinhoso que a propaganda pretende sugerir.

54) Rede, navegando, bate-papo, conversa.

No ditado popular, "gato" tem sentido de engano ou logro que alguém sofre; nas relações amorosas, porém, "gato" / "gata" indica uma pessoas bonitas, com físico atraente.

55) a) aprontou mais uma, "descobriu", que anda na moda.

b) *O autor do texto, ao usar "descobrir", em parênteses, está duvidando do real significado desse verbo. Ironiza os evolucionistas, pois a ciência apresenta resultados que devem ter sido descobertos ou identificados com estudos e bases científicas.*

56) Alternativa: C

57) Alternativa: C

58) Alternativa: A

59) a)

- "dar bola": prestar atenção, ter interesse por  
- "campos": assuntos, matérias

b) Boleiros sob medida permite, de acordo com o texto, as seguintes interpretações:

- Atletas que se encaixam perfeitamente em uma posição  
- Atletas que são submetidos a avaliações constantes.

60) Alternativa: E

61) Alternativa: C

62) Alternativa: A

63) Alternativa: A

64) Alternativa: E

65) Alternativa: D

66) Alternativa: A

67) Alternativa: D

68) Alternativa: C

69) Alternativa: A

70) A primeira ocorrência expressa a possibilidade de surpresa diante de um fenômeno - neste caso, o defeito. Já na segunda ocorrência, o vocábulo está empregado com uma clara intenção crítica.

71) Alternativa: A

72) Alternativa: C

73) 1. (1) EXISTEM muitos que se (2) DIZEM poetas, mas, na verdade, não o (3) SÃO.

2. Os verdadeiros poetas (4) LIDAM com a emoção. O que eles (5) ESCREVEM (6) CHAMA-se, com justiça, poesia. O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7) TRANSFORMA em verso. E em verso, a vida, quer alegre, quer triste, (8) FLUI.

Já aqueles outros não (9) MERECEM o nome de poetas que se lhes (10) ATRIBUEM.

74) Alternativa: A

75) Alternativa: B

76) Alternativa: A

77) Alternativa: A

A questão explora vocabulário e exige que o candidato identifique dentre três frases em que se emprega o verbo *cair*, as que têm o mesmo significado deste verbo na passagem: "*cada dia e a cada passo tropeçam em um desengano, caem nas redes da fraude e da traição*". O verbo *cair*, nessa frase, está empregado com o sentido de "ser dominado por". A frase em que esse verbo está empregado com esse mesmo sentido é: "*Infelizes daqueles que caírem no submundo do crime*", portanto, deve ser assinalada a alternativa A. De acordo com Ferreira (s/d:251), na primeira frase, o verbo *cair* significa "desvalorizar-se (moeda, título, etc.)"; na última, "perder a qualidade; tornar-se pior, ou aquém das expectativas".

78) Alternativa: B

A questão aborda compreensão leitora e exige que o candidato saiba o sentido que têm, no texto, os termos *embair*, *proscritos* e *odiento*. Está correta a alternativa B (V-V-F). Segundo Ferreira(s/d), *embair* significa "enganar, iludir, seduzir" (p.507), portanto, está correto o sentido apresentado. Sendo "aquele que foi desterrado" (p.1148) o significado de *proscrito*, a segunda afirmação também está correta. *Odiento* significa "que tem ou guarda ódio; rancoroso" (p.991); *odiado* é o que recebe o ódio. É,

portanto, inadequada a substituição de um termo pelo termo.

79) Alternativa: C

A questão explora vocabulário e exige que o candidato identifique, dentre cinco frases, aquela que apresenta um termo cujo significado seja igual ao de falaz, empregado na linha 46. Falaz, de acordo com Ferreira (s/d:607), significa: “1. intencionalmente enganador; artiloso, capcioso: 2. vão, quimérico, ilusório, enganoso”. A única frase em que aparece um desses significados é a C, portanto, a correta. Na alternativa A, aparece “fugaz”, que significa: “que foge com rapidez, rápido, veloz, fugitivo, que passa rapidamente, de pouca duração, transitório, efêmero” (p.659); na B, um sinônimo de fugaz, “transitório”; na D, “ingênuo”, que significa: “em que não há malícia, simples, franco, puro, inocente, singelo” (p.766); na E, aparece o termo “absurdo”, que significa “contrário à razão, ao bom senso, inepto, disparatado” (p.14).

80) Alternativa: A

A questão aborda semântica e exige que o candidato identifique a alternativa em que todos os vocábulos pertencem ao mesmo campo semântico no qual está inserida a palavra “infecto”, presente na passagem: “*E no seu erro encontram eles duro castigo; porque em seus corações e em seu viver mergulham-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêem ou adivinham em todos e em tudo*”. De acordo com Ferreira (s/d), “infecto” significa “que tem infecção, que lança mau cheiro, que tem cheiro podre, fétido” (p.763). Assim, os termos que se associarem a esses pertencerão ao mesmo campo semântico de “infecto”. Deve ser assinalada a alternativa A, pois todos os termos - fedido (que exala fedor), putrefação (estado de putrefato; apodrecimento) e contaminação (ato de contaminar, que é provocar infecção) pertencem ao mesmo campo semântico. Nas demais alternativas há pelo menos um termo que não se enquadra nesse campo semântico. Na B, *impotente* (fraco, débil) e *infecundado* (que não foi fecundado, incapaz de produzir, não fertilizado); na C, *fetologia* (ramo da biologia e da obstetrícia que se ocupa do feto) e *infrutífero* (que não dá resultado; baldado, inútil); na D, *insípido* (que não tem sabor; que não é saboroso) e *fúria* (agitação violenta; ímpeto de violência; furor, exaltação de ânimo; raiva, ódio, ira); na E, *feitor* (administrador de bens alheios, gestor, superintendente de trabalhadores, capataz, rendeiro, caseiro).

81) O poeta assiste ao raiar vermelho da madrugada.

82) Alternativa: B

83) Alternativa: D

84) Alternativa: D

85) Alternativa: A

86) Alternativa: A

87) Alternativa: C

88) Alternativa: A

89) Alternativa: C

90) Alternativa: D

91) Alternativa: E

92)

01	02	04	08	16
V	F	V	V	V

TOTAL = 29

93) Alternativa: B

94) Alternativa: A

95) Alternativa: A

96) Alternativa: D

97) Alternativa: D

98) Alternativa: B

99) Alternativa: C

100) Alternativa: A

101) a) De que a arquitetura é capaz de romper com a padronização das moradias.

b) Sonhador pode ser entendido como **revolucionário**, uma vez que O Pequeno Castor pretende romper com a organização tradicional da tribo. Outro sentido é o de **visionário**, aquele que pretende um mundo impossível, ou uma tarefa impossível de ser executada.

102) a) quantas pessoas estavam empregadas naquele setor ou compunham aquele setor.

b) quantas pessoas de fato trabalhavam naquele setor. A resposta do empregado permite perceber que havia pessoas empregadas mas que de fato não trabalhavam.

c) O funcionário poderia dar ao presidente um número exato, ou, se quisesse manter o efeito de humor, poderia responder ‘todos’.

103) a) a décima: “10. Brasileirismo: ação (observação de algum ritual, uso de um determinado objeto etc.) praticada

supersticiosamente com finalidade de conseguir algo que se deseja.”

b) Desvendar significa ‘descobrir’, ‘revelar’, ou ainda ‘tirar venda dos olhos’. No trecho ‘desvendará qualquer que for o problema’, o verbo foi usado com o sentido de ‘resolver’, ‘solucionar’, portanto de forma inadequada ao padrão da língua.

c) a louvação (‘Bendito seja o filho de Deus e da Virgem Maria’) e o pedido (‘separe minha alma da má companhia e meu corpo da feitiçaria’) evocando poderes divinos (‘pelo poder de Deus e da Virgem Maria’).

104) a) Poderia significar que se trata de um homem com cicatrizes (bexigas) na pele, devidas, por exemplo, à varíola, à lepra etc.; eventualmente, que se trata de um homem cuja anatomia seria peculiar por ter mais de uma bexiga e que seria conhecido por tal característica; ainda, poderia referir-se a um homem que vende ou usa bexigas / balões.

b) A ambigüidade se desfaz quando aparece a palavra “balões” (ou quando aparece “vão com bexigas”); porque se explicita que Ian tem a ver com balões e não com cicatrizes, e balão é um sinônimo de bexiga.

c) O filme deve tematizar subidas/vôos/viagens/competições/aventura com bexigas/balões.

105) a) a terceira ocorrência de “ficar” tem o sentido mais antigo; nas duas primeiras falas, as ocorrências têm o sentido novo.

b) A palavra “grávida”.

c) Por que a conversa não foi nada clara; aliás, foi vaga, reticente / A conversa foi o contrário do que o pai diz que foi.

106) a) “Media Training” - expressão em língua estrangeira “Corra que a Imprensa vem aí” - título de publicação.

b) No filme, “corra” pode significar “fuja”, já na reportagem, podemos entender “corra” como “prepare-se”.

107) a) O candidato pode apontar para o sentido de inalar/aspirar e para o sentido de provocar/despertar inspiração em/influenciar outra pessoa. Assim, parando de fumar, você inalará ar saudável e também poderá despertar nos outros a vontade de ser saudável.

b) O candidato pode apontar para o sentido de alívio físico, com o qual a pessoa respirará livremente, sem fumaça, sem tosse, sem pigarro, e para o sentido de alívio emocional, com o qual a pessoa terá tranqüilidade quanto à sua saúde e à saúde daqueles que estão ao seu redor.

Esta questão mostra que a polissemia da língua é uma importante característica a ser observada e explorada na leitura e escrita de textos. Espera-se que o candidato observe como jogos polissêmicos ressaltam diferentes possibilidades de leitura, apontando para a língua como

um instrumento não apenas de comunicação, mas de trabalho e exercício com os sentidos.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

108) a) A ironia está ancorada nas palavras “esquerda” e “direita”.

b) A palavra “esquerda”, no discurso político, adquire sentido por oposição à chamada “direita”. Nesse contexto os partidos de “esquerda” representariam, *grosso modo*, uma ênfase maior nas questões sociais, e os de “direita”, nas questões econômicas. No jogo polissêmico, a palavra “direita” manifesta outro sentido, referindo-se àquilo que é correto, digno, honesto, etc. Além desses sentidos, as palavras podem ser interpretadas como referências espaciais, indicativas de duas posições laterais opostas: a “esquerda” e a “direita”.

c) A palavra “nem” serve para negar excluindo algo, estabelecendo o pressuposto de que a negação não era esperada, contrariando a expectativa em relação ao que foi excluído. Na afirmação “No Brasil nem a esquerda é direita”, estabelece o pressuposto de que no Brasil ninguém age corretamente, mas o esperado seria que a esquerda o fizesse. Substituindo-se a palavra “nem” pela palavra “não”, perde-se esse pressuposto: o “não” apenas serve para negar, sem estabelecer qualquer pressuposto.

109) Alternativa: A

110) Alternativa: B

111) Alternativa: A

112) Alternativa: D

113) Alternativa: C

114) a) *Pintar* assume o sentido de *escrever*. O Verso “*Pinta em verso brando*” explicita a Metáfora.

b) Há várias possibilidades. Entre elas:

**É união, e produz separações.**

**É união, e produz afastamentos.**

**É união, e produz distanciamentos.**

115) a) Em **Canção do Tamoio**, chorar está sendo utilizado em seu sentido tradicional, ou seja, “verter lágrimas”. Já em **Hino do Deputado**, chorar está sendo utilizado em sentido figurado, significando “reclamar”, “queixar-se”.

b) A ‘mamadeira’ pode ser interpretada como a fonte daquilo que traz benefícios. “Carrega com a mamadeira”, assim, significa que um outro pode roubar essa fonte de benefícios.

116) a) A alma do apartamento é a varanda pelo destaque que ela tem na casa, seja pelo seu tamanho (128m<sup>2</sup>), seja pela sua função (tomar sol, receber amigos para festas).

b) Generosos está se referindo ao grande tamanho do apartamento (445m<sup>2</sup>) e de seus aposentos.

117) a) Ambos enfrentam conflitos entre os desejos físicos e a censura religiosa.

b) Os dois templos são metáforas de dois sentimentos: o desejo carnal (“santuário do coração”), e o da fé religiosa, em cujos altares orava ao Senhor (“...ajoelhar ante os altares para orar ao Senhor.”)

118) a) moreno

b) O termo aparece em oposição a ‘alvo de neve’. Além disso, é evidente o paralelo entre ‘cara trigueirinha’ e ‘moreno rosto’, como se evidenciam nos versos abaixo:

Numa formosa **cara trigueirinha**

(...)

O nariz alvo, no **moreno rosto**”

119) a) Embora ainda passe por dificuldades, a economia argentina está superando momentos de grandes dificuldades.

b) Na guerra o homem liberta seu lado mais condenável (criminoso, traidor, assassino...) escondido no dia-a-dia.

120) a) A busca da felicidade se assemelha a um jogo complicado, repleto de armadilhas (‘ardiloso’).

b) Significa inverter uma situação desfavorável.

121) a) Para Fabiano, a expressão **céu azul**, no contexto do texto, assume valor negativo, já que azul indica, no caso, céu ensolarado, sem nuvens, anunciando uma seca que se avizinha.

b) “O céu azul nos convidava a passar o sábado na praia”

122) a) Nesse trecho, a palavra “luz” é empregada em sentido denotativo, pois designa o fenômeno óptico.

b) Resposta do aluno.

123) O enunciador utiliza a expressão “sensação de repugnância” para suavizar seu desprezo pela forma como o governo brasileiro conduz a política petrolífera. Desse modo, ele consegue dois efeitos: de um lado, escapa de termos mais explícitos e diretos, como *asco* ou *nojo*; de outro, evita a negatividade da *repugnância* em si, transferindo-a para a *sensação*. Funciona também como mecanismo suavizador a declaração do enunciador de que sente tal repugnância ao ouvir a “expressão *Governo Brasileiro*”, já que assim se desloca para a “expressão” um sentimento despertado, de fato, pelo Governo.

124) Para destacar aspectos negativos relacionados à política sobre investimentos brasileiros voltados a ajudar o governo da Bolívia com a morosidade e parcimônia do fornecimento de uma sonda a Oscar Cordeiro, o escritor utiliza o grau diminutivo para referir-se à “sondinha de 500 metros”. Desse modo enfatiza, além da pouca eficiência desse aparelho, seu baixo custo, sobretudo em comparação com os vultosos gastos feitos com a Bolívia.

125) Ao longo da letra da canção, o eu poético apresenta qualidades femininas que comporiam, para ele, um ideal de perfeição. Nos últimos versos, o emissor afirma que essa imagem corresponde à figura concreta da amada, a quem se dirige utilizando-se de um pronome de tratamento informal — *você*. Ele constata então que, ainda que real, ela é seu ideal de mulher. Assim, estabelece-se entre os conceitos de “real” e de “ideal” uma inusitada relação de correspondência e identidade.